

A propósito de «Sete anos de pastor ...» nos *Sermoens* de Vieira*

Este trabalho beneficiou dos conselhos que recebi no Centro de Estudos de Espiritualidade, aquando da sua primeira apresentação. Aos Professores José Adriano de Freitas Carvalho e Zulmira Santos, em especial, agradeço os comentários com que me estimularam a revê-lo, apurando caminhos de pesquisa. Ao Centro, devo ainda a oportunidade de participar e aprender numa Jornada salmantina – «Poesía y Biblia» – organizada pelo SEMYR. E muito obrigada fico, igualmente, aos Professores Aníbal Pinto de Castro, Arnaldo do Espírito Santo e Maria Lucília Pires, tanto pela leitura que acederam a fazer do texto que agora se publica, como pelas observações com que me ajudaram a mitigar a sua imperfeição.

Linha de horizonte

A certa altura do *Viaje del Parnaso*, de Miguel de Cervantes, fala-se de «seis personas religiosas,/al parecer de honroso y grave aspecto,/de luengas togas, limpias y pomposas»¹. São seis embaçados que se escondem com obstinação, cujos nomes só à pureza, e depois de muito instado, Mercúrio (personagem

* Nota prévia: O ideal seria ler sempre Vieira pela edição princeps dos *Sermoens* (1679...), e a ela se recorreu para verificações necessárias. Contudo, salvo nota em contrário, os textos parenéticos do autor serão citados pelos *Sermões*, Prefaciados e revistos pelo Rev. P.e Gonçalo Alves, Porto, Lello & Irmão, 1959, 15 vols.. A indicação far-se-á abreviadamente, juntando ao título o número do tomo e o da(s) página(s). O mesmo critério se aplicará à citação das *Cartas do Padre António Vieira*. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio d' Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928, 3 vols..

Na transcrição de edições antigas, procede-se a uma actualização das grafias, mantendo apenas aquelas que representam uma realidade fonética própria. São introduzidos ajustamentos na pontuação.

¹ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas, I. Viaje del Parnaso y Adjunta al Parnaso*. Edición, introducción y notas de Vicente Gaos, Madrid, 1973, 111. A primeira edição do *Viaje* teve lugar em 1614.

Epílogo

Poesia e Bíblia: seguramente, na perspectiva de um jesuíta, o género epidíctico, em que entroncava a oratória sagrada, consentia (apesar de todos os riscos) esta relação; em pleno Barroco, o gosto vigente, em que o fascínio por Camões se conjugava com o deslumbre pela «lide textual», vinha fomentá-la. E, participando dessa realidade em nada linear, filho de um tempo afinal propício àquela aliança promissora, Vieira achou modo de a tornar fértil e cheia de sentido, na viva convicção da força que ao discurso sempre assiste, tanto pelo que nele se diz, perfilha e transforma, como por quanto ali se silencia e rejeita.

Isabel Almeida

Abstract:

In the oratory works of Father António Vieira (1608-1697), following codes that governed genres like the sermon, the biblical word has particular relevance. The place of poetry in Sacred Scripture was already uncertain and even more debatable its pertinence in the discourse of a preacher. Taking the Sermoens as a corpus, this paper aims to explore the manifold and complex relations that this Jesuit establishes between the Bible and poetry, particularly that of Camões. Focus will thus be brought to bear on phenomena of intertextuality, reflecting on their meaning in light of questions that serve to frame them, such as the importance of an aesthetic awareness, the historical and cultural value of an author, the weight of genealogical hierarchy.

guia) acaba por revelar: «Aquestas seis personas referidas,/como están en divinos puestos puestas/y en sacra religión constituídas,/tienen las alabanzas por molestas/que les dan por poetas, y holgarían/llevar la loa sin el nombre de poeta a cuestas.»² No quadro definido nesta fantástica narrativa, densa de ironia e subtileza paródica, o pormenor nada tem de despiciendo, e, por antítese, redobra de significado: o carácter selecto do grupo, cujos sinais exteriores são de riqueza (autêntica ou metafórica), a escrupulosa ocultação da identidade, o pudor de assumir dotes literários, contrastam com a imagem de um vasto e heterogéneo lote de «buenos [...] poetas»³ («gala de los cielos y la tierra»⁴), mas sobretudo discrepam do retrato da «poetambre»⁵, «canalla inútil»⁶ que se mistura na génese apocalíptica da «turba gentil»⁷, surgindo grotesca e pululante, sempre imensa, gárrula, ávida de afirmação.

Mercúrio justifica o recatado silêncio daquelas «personas de respecto» alegando uma razão plausível – «decoro al alto estado»⁸; pela voz do narrador, porém, a atitude dos seis ilustres é comentada com escândalo, num discurso erguido sobre *topoi* canónicos em qualquer sólida defesa da poesia: «Para qué se embobecen y se anecian,/escondiendo el talento que da el cielo/a los que más de ser suyos se precian?/Aquí del rey! Qué es esto? Qué recelo/o celo les impide a no mostrarse/sin miedo ante la turba vil del suelo?/Puede ninguna ciencia compararse/con esta universal de la poesía,/que límites no tiene de encerrarse?/Pues siendo esto verdad, saber querría/entre los de la carda cómo se usa/este miedo, o melindre, o hipocresía.»⁹ E embora no diálogo vingue, conclusiva, a vontade do deus superior («Con todo, quiere Apolo que esta gente/religiosa se tenga aquí secreta»¹⁰), por último, já na *Adjunta al Parnaso*, nos «Privilegios, ordenanzas y advertencias que Apolo envía a los poetas españoles», consta um *item* que a contradita: «se advierte que todo poeta no se desprecie de decir que lo es [...]»¹¹.

² Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 114. Note-se que na edição realizada por Miguel Herrero Garcia figura o nome de Fr. Hortensio Pallavicino («De acuerdo enteramente con Bonilla, hemos corregido el texto sustituyendo *Orense* por *Hortensio*» – Miguel de CERVANTES SAAVEDRA, *Viaje del Parnaso*. Edición y comentarios de Miguel Herrero Garcia. Madrid, 1983, 665).

³ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 184.

⁴ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 109.

⁵ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 81.

⁶ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 62.

⁷ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 66.

⁸ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 111.

⁹ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 111.

¹⁰ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 115.

¹¹ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas...* ed. cit., 189.

Engenhosamente, opõem-se argumentos de peso, salientando melindres do contacto entre religioso e laico, sagrado e profano. Mercê de hábil *dispositio*, este episódio vem na sequência de uma inflamada exaltação da poesia, e não custa apreciá-lo como projecção de questões plenas de acuidade na cultura do *Siglo de Oro*: versos, rimas, que eram? Até que ponto ou em que termos caberiam na vida pública de um eclesiástico¹² – porventura um pregador¹³? Crer-se-ia numinoso, o processo de *poiesis*, como sugere Cervantes ao acenar a um furor (de matriz platónica) ou à rentabilização de talento *gratis* (evocando a parábola evangélica de S. Lucas, 19)?

¹² Uso o termo *poesia* em acepção ampla, abrangendo não apenas os versos profanos mas também a poesia ao divino ou a escrita de temática religiosa. Não ignoro, porém, a necessidade de distinguir a respectiva fortuna (e até de forma casuística, dentro de cada categoria). Manuel de Faria e Sousa deixou um parêntesis revelador acerca da *Sílvia de Lysardo*, atribuída a Fr. Bernardo de Brito: «suyo es aquel librito, aunque ande estampado sin nombre de Autor, porque en Portugal saben los Religiosos huir de nombrarse en escritos ajenos de su instituto, por más que sean tan honestos como aquellos» (*Rimas Várias de Luís de Camões. Comentadas por Manuel de Faria e Sousa*. Primeira parte. Tomos I e II, Lisboa, 1972, 83). O problema persistiria, como se percebe pela «breve notícia desta obra» (texto manuscrito, talvez do século XVIII, anexo ao exemplar Res. 2424 P da Biblioteca Nacional de Lisboa): «Imprimiram-se estas obras poéticas muitas vezes sempre com tanta aceitação que logo se gastavam as impressões, e não nas havendo e sendo raríssimas houve sujeito que em este nosso século as quis reimprimir e lhe negaram a licença fazendo-se demasiadamente escrupulosos. Disseram que não era decente imprimirem-se obras poéticas amorosas compostas por um frade e monge, e com estas tão frívolas razões nos privaram de as podermos possuir com maior abundância, por onde as que há ficam sendo mais valiosas e de melhor estima enquanto não houver quem as tire deste grande barranco dando-lhe a licença, como já tem acontecido a outras obras, que negando-lha em um século veio outro que lha concederam, e sendo obras tão honestas e excelentes como já dissemos, achando que também os padres podem fazer versos e poetisar, principalmente sendo tão conceituosos como os do nosso Autor.» (*Sílvia de Lysardo* Recopilada por Lourenço Craesbeck. Lisboa, Lourenço Craesbeck, 1632). E no entanto, padres revedores concederam benévolas licenças à impressão dos versos de Fr. Bernardo de Brito. Por seu turno, versos heróicos de Fr. Manoel Calado, que se apresentava «com a espada em ùa mão, e com a língua ocupada na propagação e defesa da Fé Católica», em *O Valeroso Lucideno. E Triumpho da Liberdade. Primeira Parte* (Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1648 – «Com licença da Santa Inquisição, Ordinário, e Mesa do Paço»), granjearam acolhimento favorável. Sem sobresalto, religiosos vários (entre eles, Vieira) fizeram prova de engenho em composições publicadas nas *Memórias Funebres. Sentidas pellos ingenhos Portugueses, na morte da senhora Dona Maria de Atayde* (Lisboa, Oficina Craesbeckiana, 1650) – volume no qual convivem, sem crispações, o sermão que o jesuíta pregou em S. Francisco de Xabregas e o cancionero poético que *in memoriam* de D. Maria se reuniu. E D. Francisco Manuel de Melo, hierarquizando a parenética e a poesia, não deixou de admitir a sua compatibilidade (Ver «Carta a um Religioso poeta. Sobre matérias deste exercício», in *Cartas Familiares*. Prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa, 1981, 357-358). Em suma: esta questão não pode ser aplanada num entendimento linear.

¹³ Entre as várias hipóteses que se perfilam para a decifração do passo atrás mencionado, uma identifica na sexta personagem Fray Hortensio de Pallavicino («El otro, cuyas sienes ves ceñidas/con los brazos de Dafne en triunfo honroso,/sus glorias tiene en Alcalá esculpidas») – Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas, I. Viaje del Parnaso y Adjunta al Parnaso*. Edición, introducción y notas de Vicente Gaos, Madrid, 1973, 114). Ver, a este respeito, a nota 2.

Não raro, a esta ideia poderosa, outra se agregava (letras humanas e divinas teriam uma essência comum), espelhada nas iniciativas de tradução ou de paráfrase, em verso, de *Salmos*, de passos do *Livro de Job* ou do *Cântico dos Cânticos*¹⁴. De facto, cedo se atribuíra importância a esta relação: na Escritura, logo pristinas vozes encontraram uma fibra estética e poética, cotada como motivo extra de fascínio porque timbre da perfeição de Deus¹⁵; na poesia, foi sendo apontada uma filiação transcendente, por meio da qual se visava nobilitá-la ou, ao menos, pô-la a salvo de reservas e acusações¹⁶. Matéria problemática, tão-pouco fica esquecida no *Viaje del Parnaso*, onde uma insinuante pergunta retórica a traz à colação: «No se oyen sacros himnos en el cielo?/La arpa de David allá no sueña,/causando nuevo accidental consuelo?»¹⁷

Cumprir recordar estas tradições – de origem ancestral e prestigiada –, desenvolvidas ao longo de séculos; cumprir recordá-las, notando o debate sobre elas animado no *Viaje*. Em jeito de intróito, a ficção cervantina interessa-nos porque ilumina nevrálgicas correntes e polémicas perspectivas, que condicionaram, ainda e assim, o horizonte do autor a focar: o P.e António Vieira S.I. (1608-1697).

Se o louvor da poesia como expressão sagrada (abonatório do seu aproveitamento em sede religiosa) teve eco ténue e esporádico nos *Sermoens* de

¹⁴ A título de exemplo, recordemos a obra poética de Fr. Luís de León, justificada numa dedicatória onde se lê: «No porque la Poesia, mayormente si se emplea en argumentos debidos, no sea digna de cualquier persona y de cualquier nombre – de lo cual es argumento que convence haber usado Dios de ella en muchas partes de sus Sagrados Libros, como es notorio [...]» (*Poesia*, Edición de Juan Francisco Alcina, 10ª ed., Madrid, 2003, 63). A paráfrase poética de texto sagrado podia ser benignamente recebida, como terá sucedido com a *Interpretatio Poetica Latine, In Centum Quinquaginta Psalmos. Autore Ludovico Crucio Olyssponensi, Societatis Iesu* (Madrid, Luís Sanchez, 1600), realizada pelo P.e Luís Cruz, com base na sua experiência pedagógica.

¹⁵ Ver Luís GÓMEZ CANSECO e Miguel A. MARQUEZ, *La poética y retórica bíblicas e Teología, retórica y poesía en el Renacimiento español*, in Benito ARIAS MONTANO, *Tractatus de figuris rhetoricis cum exemplis ex sacra scriptura petitis*. Huelva, 1995, 9-67.

¹⁶ Ver José Adriano de CARVALHO e José V. de Pina MARTINS, *Sá de Miranda entre a Poesia e a Bíblia*, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. X, Paris, 1976, 45-81.

¹⁷ Miguel de CERVANTES, *Poesias Completas, I. Viaje del Parnaso y Adjunta al Parnaso*, ed. cit., 92.

Vieira¹⁸, nítido é o rasto da leitura do texto bíblico como objecto poético¹⁹, quando o pregador assevera que David cantou «bem [...] e poeticamente»²⁰, com superior «elegância e poesia»²¹, ou quando ao *Cântico dos Cânticos* chama «amorosa história»²², «diálogo pastoril»²³, «éclogas de Salomão»²⁴, «epitalâmio»²⁵. Hábitos arreigados de conjugação e contaminação dos dois campos eram-lhe familiares, e o seu convívio com a poesia, indelével: a «versos» como os de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, «merecedores de se imprimirem em bronze, como as imagens que descrevem»²⁶, prodigalizou encómios; elogioso, referiu o esmero da recepção baiana – «com orações e poemas em todas as línguas» – preparada para o novo Arcebispo²⁷, em 1683, da mesma maneira que em 1696 lembraria com orgulho «duas empresas» festivas de sua lavra, traçadas bons anos antes em homenagem ao casamento de D. Catarina²⁸. As «discretíssimas musas» de

¹⁸ Vieira só de leve toca as noções de furor e entusiasmo. Uma das vezes, lembrando encomiasticamente Virgílio: «ouçamos a um dos melhores autores da mesma língua; o qual com entusiasmo poético, não só parece que declarou o mistério do nosso texto, mas sobre o significado dele fez juntamente um panegírico a Maria Santíssima, enquanto autora e inventora do Rosário. Os versos são estes: *Non digesta pati [...] (Sermão XV de Nossa Senhora do Rosário, in Sermões. XI, 327)*. Outra, encarecendo a figura de S. Francisco (ou ainda, na sua esfera, Jacopone da Todí) como dotado das «doudices do furor poético»: «Definindo-se S. Francisco a si mesmo, chamava-se em italiano Fatuelo di Dio: o doudo ou doudinho de Deus. E se os poetas todos têm uma veia de doudo, não podia faltar a este doudo uma veia de poeta.» Seguem-se exemplos dessa «veia» franciscana (*Sermão VII de Xavier Acordado. Doudices, in Sermões. XIII, 311, 314*).

¹⁹ Na *História do Futuro*, Vieira delinea um amplo mapa literário, proclamando a supremacia das Escrituras sobre quaisquer criações fabulosas. Ora, para lá da destrinça hierárquica, subjaz a esta comparação a ideia de que à Escritura se associam qualidades então reputadas fulcrais – *varietas, admiratio* – nas letras humanas: «[...] que livros se escreveram jamais, não digo dos que professam verdade, mas dos fingidos e fabulosos, que iguaem em grandeza e variedade de casos admiráveis a menor parte ou sombra do que se refere nas histórias sagradas?» (António VIEIRA, *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1982, 331).

²⁰ P.e António VIEIRA, *Sermão do Mandato, in Sermões. IV, 343*. Em tom depreciativo, porque crítico da atitude de David, escreve Vieira noutro Sermão: «Morreu Jónatas, ficou David vivo, e tudo o que fez por ele, foi tirar a fazenda a seu filho, e compor um soneto ou uma canção à sua morte: *Doleo super te, frater mi Jonatha [...]*» (*Sermão ao enterro dos ossos dos enforcados, in Sermões, XIV, 106*).

²¹ P.e António VIEIRA, *Sermão IX do Rosário, in Sermões. XI, 121*.

²² P.e António VIEIRA, *Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso, in Sermões. V, 370*.

²³ P.e António VIEIRA, *Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso, in Sermões. V, 370*.

²⁴ P.e António VIEIRA, *Sermão de S. Gonçalo, in Sermões. VI, 301*.

²⁵ P.e António VIEIRA, *Sermão XXIX do Rosário, in Sermões. XII, 423*.

²⁶ *Cartas do Padre António Vieira. I, 153*. A carta está datada de 27 de Janeiro de 1648.

²⁷ *Cartas do Padre António Vieira. III, 475*. A carta está datada de 24 de Junho de 1683.

²⁸ Ver «Dedicatória», in *Sermoens do P. Antonio Vieyra, da Companhia de Iesu, Pregador de Sua Magestade. Undecima parte, offerecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha*. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1696 («Com todas as licenças necessárias, e Privilégio Real»). Não esqueçamos que, segundo Vieira, Alciato (entenda-se: o género emblemático) havia sido «admitido já pelos mais

D. Tomás de Noronha chegar-lhe-iam às mãos²⁹, e não se alheava dos «sentimentos dos cisnes do Tejo» nem da «língua [...] grossa» de um «papagaio» da Baía³⁰. Todavia, não deixa de ser curioso que a tripla condição de Fr. António das Chagas – «soldado, poeta e frade» – pudesse também constituir, a seu juízo (alerta ao mínimo indício escatológico...), mescla peregrina, presságio de «tempestade»³¹. E, sem ignorar o travo amargo de desencanto político em geral manifestado nas cartas, convém fixar a confidência a Duarte Ribeiro de Macedo, pela partilha de uns «dísticos» «à abstinência com que S. A. venceu a febre» («assunto em que se empregaram as musas deste colégio»...): «para que V. S^a se ria de quão louca é a minha velhice»³².

Vieira terá redigido escassos versos (composições de circunstância, latinas, por norma)³³, e fê-lo afectando empenho irregular. Sobre a actividade de seus contemporâneos, oscilou, outrossim, entre o aplauso e a reticência. Indubitavelmente, porém, prestou fina e porfiada atenção à poesia, antiga e moderna, estrangeira e nacional, em língua alheia ou em vernáculo. E não só: quis ou soube acolhê-la na sua obra, o que, pelo fenómeno em si, por quanto lhe subjaz e pelas implicações contextuais que comporta, pede análise reflectida.

Compreender o horizonte de um autor, ponderando-o à luz do tempo e da História, afigura-se produtivo se capaz de explorar a trama de modelos e códigos que, ora em regime de simples e amena coexistência, ora em acentuada tensão, de modo perdurável ou metamórfico, nutrem um universo de hipóteses criativas. Para Vieira, vigorava uma noção que Cícero cristalizara em fórmula lapidar e que os conceitos de inato talento ou de unção divina estavam longe de dissolver: «Esta é a energia com que dizemos que o orador se faz, e o poeta nasce.»³⁴ *Fazia-se*, o orador jesuíta, desde a escola (segundo a *Ratio Studiorum*, com sua meticulo-

severos juízos ao colégio do Parnaso» (*Sermão XII do Rosário, in Sermões*. XI, 212). Na mesma altura em que lembrou as «empresas» a D. Catarina, Vieira lamentou o declínio da «vivacidade antiga do entendimento», que lhe perturbava a redacção de «epitáfios» para os túmulos da Casa de Bragança (*Cartas do Padre António Vieira*. III, 683. A carta, dirigida ao P. Manuel Pires, está datada de 30 de Junho de 1696).

²⁹ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 624. A carta, dirigida a Diogo Marchão Temudo, está datada de 3 de Julho de 1691.

³⁰ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 624.

³¹ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 140. A carta, dirigida a Duarte Ribeiro de Macedo, está datada de 1 de Janeiro de 1675.

³² *Cartas do Padre António Vieira*. III, 387. A carta está datada de 16 de Maio de 1679.

³³ Ver Serafim LEITE, S.I., *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IX. Escritores: de N a Z (Suplemento Bibliográfico – II). Rio de Janeiro, 1949, 313-315, 339; *Padre António Vieira, 1608-1697. Bibliografia*. Coordenação científica de José Pedro Paiva, Lisboa, 1999, 165-169.

³⁴ P.e António VIEIRA, *Sermão do Beato Estanislau Kostka da Companhia de Jesus, in Sermões*. IX, 78.

sa orientação pedagógica³⁵), tributário de disciplinas nucleares (retórica, poética, filosofia, teologia), norteado por preceitos e por uma técnica, apoiado em esteios que se reputavam férteis, seguros, dignos de apropriação. Um pregador dependia das leituras realizadas, quer ao sabor da contingência quer ao abrigo de um plano institucional³⁶. E dependia tanto mais quanto a «lide textual»³⁷ se volvera, então, no cerne do labor parenético.

Por tudo isso, perguntaremos: que podia ler Vieira, ou de que terá alcançado notícia? Que textos elegeu ou foi levado a privilegiar, nas voltas da sua larga e agitada vida?³⁸ Como se distribuíram essas leituras, considerando a mutação de interesses e sensibilidade, típica de uma trajetória humana? Além do que podia, que devia mostrar que lia – e de que maneira? Repare-se: unânime era, no século XVII, o princípio que às Escrituras dava iniludível protagonismo na oratória sagrada³⁹; controversa resultava a abertura da parénese à palavra dos poetas. E foi neste quadro complexo que a obra vieiriana se formou.

³⁵ Ver Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, 1973; Ladislau LUKÁCS S.I. (ed.), *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. V [*Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu (1586, 1591, 1599)*], Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1986; Gian Paolo BRIZZI (ed.), *La «Ratio Studiorum». Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento*. Roma, Bulzoni, 1981. Saliente-se também o relevo que nas próprias *Constitutiones* era conferido às humanidades (Ver Santo Inácio de LOIOLA, *Constituições da Companhia de Jesus*. Tradução de Joaquim Mendes Abranches S.I., Lisboa, 1975).

³⁶ Ver Antonio CASTILLO GÓMEZ, «No pasando por ello como gato sobre brasas». *Leer y anotar en la España del Siglo de Oro*, in *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, S. 3, 9-10 (Outubro de 2001-Outubro de 2002), 99-121.

³⁷ Margarida Vieira MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, 1989, 161.

³⁸ Vieira nasceu em Lisboa mas cedo foi para o Brasil, e cinco vezes faria a viagem transatlântica (a última em 1681, rumo à Baía, onde veio a falecer, a 18 de Julho de 1697). Caso raro, em seu tempo, esta vocação de peregrino traduziu-se ainda na deslocação do Jesuíta a outras paragens, como Roma, Paris e Amsterdão.

³⁹ Por exemplo, leia-se, na entrada do *Sermam Histórico, e Panegyrico, do P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, Pregador de Sua Magestade, nos Annos da Serenissima Rainha N. S. oferecido a Sua Magestade pello R.P. Manoel Fernandez, da mesma Companhia, Confessor do Principe Regente* (Lisboa, Of. João da Costa, 1668), a «Aprovação do R. P. M. Fr. Cristóvão de Almeida Religioso de Santo Agostinho, Doutor em Teologia, Pregador de S. Majestade, Examinador das Três Ordens Militares, Calificador do Santo Ofício, eleito Bispo de Targa»: «Vi o Sermão incluso, e além de não achar nele cousa algũa contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, me parece muito digno de imprimir-se: por serem os discursos que contém tirados do Evangelho com grande engenho, provados com graves razões e muitos lugares da Sagrada Escritura, que o fazem muito merecedor de divulgar-se pela estampa».

Dissensões

Enquanto *orator divinus*, cultivando um género como o sermão, Vieira enfrentava recomendações desencontradas: a autoridade de Quintiliano e Cícero propunha o franco recurso à poesia como factor de eloquência⁴⁰, e esta directriz clássica havia sido contemplada na *Ratio Studiorum*⁴¹, com seus estreitos vínculos à retórica Antiga e às *litterae humaniores* (em sintonia com esse gosto, Don Estevan de Aguilar y Zuñiga, tradutor de Vieira, congratulava-se ao opinar: «Parece su prosa al verso ovidiano, que se nació artificioso»⁴²); paralelamente, artes concionatórias seiscentistas receitavam, não sem vacilações, moderação e cautela no emprego de textos profanos, quer antigos quer modernos.

Francisco Terrones del Caño advertia, na sua *Instrucción de Predicadores* (1617): «es cosa muy reprobada por los santos y autores graves llenar los sermones de humanidades, dejándolos ayunos de Escritura y santos. Pero [...] los mismos Sanctos Doctores, como parece por sus escritos, estudiaron, supieron y dijeron en sus libros y sermones algunas cosas de letras humanas, y aconsejan y alaban esto.»⁴³ Estratégica adversativa. Visto por esse ângulo, o exemplo de santos e doutores – veneranda linhagem – legitimava esbulhos avisados: «nosotros podemos hurtar de los libros de autores profanos cuanto bueno halláremos en ellos, como de injustos poseedores.»⁴⁴ E, singrando nesta esteira, o tratadista podia preconizar um equilíbrio ou um compromisso, especialmente no que tocava a «versos de poetas»: «Sobre todo advierto que nunca se ha de citar el autor del verso, a lo menos Ovidio, Marcial, Garcilaso, Montemayor u otros así que trataron materias vanas y

⁴⁰ Considerava Quintiliano: «Plurimum dicit oratori conferre Theophrastus lectionem poetarum, multique eius iudicium sequuntur; neque immerito. Namque ab his in rebus spiritus et in verbis sublimitas et in affectibus motus omnis et in personis decor petitur, praecipueque velut attrita cotidiano actu forensi ingenia optime rerum talium blanditia reparantur. Ideoque in hac lectione Cicero requiescendum putat.» (*The Institutio Oratoria of Quintilian*. Tradução de H. E. Butler, vol. IV, Cambridge, 1968, 16-18: X.I, 27).

⁴¹ Percorra-se a *Ratio Studiorum* de 1599 (ver nota 35). Marc Fumaroli lembra «l' expansion du réseau des Collèges jésuites et oratoriens » como «expression de la volonté de la Réforme catholique, commune à toute l'Église, d'ordonner pédagogie et homilétique chrétiennes à l'apprentissage préalable des *litterae humaniores* et de la rhétorique latine. » (Marc FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*. 2ª ed., Paris, 1994, 21).

⁴² «Noticia Previa», in *Sermones Varios del Padre António de Vieira, de la Compañía de Jesus. Con XXII. Sermones Nuevos, y Tres Tablas, Una de Sermones, Otra de Lugares de la Sagrada Escritura, y otra de los Assumptos y cosas mas notables. Parte Segunda*. Madrid, Joseph Fernandez de Buendia, 1664, s/n.

⁴³ Don Francisco TERRONES del CAÑO, *Instrucción de Predicadores*. Prólogo y notas del P. Félix G. Olmedo, S.I., Madrid, 1960, 81. Redigida no início de Seiscentos, a obra só em 1617 teve a sua *editio princeps*.

⁴⁴ Don Francisco TERRONES del CAÑO, *Instrucción de Predicadores* ed. cit., 81.

lascivas. Bastará decir "allá vuestro poeta", o "el otro en sus devaneos"; aunque, si fuesen Virgilio, Homero, Horacio, podríanse nombrar con algún encogimiento y un poco de desdén, y no enjaguándose la boca con ellos, como si citáramos a San Jerónimo». ⁴⁵

Na lição de Terrones del Caño, onde ressoa a caudalosa *disputatio* sobre as relações entre letras sagradas e profanas ⁴⁶ alimentada também por obras generalistas como *La Piazza Universale di Tutte le Professioni del Mondo*, de Tommaso Garzoni ⁴⁷, é flagrante o zelo de vincar uma hierarquia que, admitindo compatibilidades, estipula sem hesitações o posto respectivo dos elementos em causa. Todavia, estes ditames correspondem a um ideal, são a enunciação de um dever ser, não o registo de uma realidade ou de um rumo incontestado. E, em 1648, embora reverenciasse Terrones del Caño pelo «su nunca asaz celebrado y leído Tratado del modo de predicar» ⁴⁸, o jesuíta Baltasar Gracián preferiria enaltecer, sem reboço, a «erudición» indispensável aos bons «ingenios»: «Cuanto más sublime y realizada fuere la erudición, será más estimada; pero no ha de ser uniforme, ni homogénea, ni toda sacra, ni toda profana, ya la antiga ya la moderna; una vez un dicho, otra un hecho; de la historia, de la poesía; que la hermosa variedad, es otro punto de providencia. Especialmente se ha de atender a la ocasión y a sus circunstancias, de la materia, del lugar, de los oyentes; que la mayor prenda del que habla o escribe, del orador o historiador, es el decir con seso. El grave y erudito Séneca, de todo se vale, como se nota en sus substanciales obras; ya de la sentencia de un filósofo,

⁴⁵ Don Francisco TERRONES del CAÑO, *Instrucción de Predicadores* ed. cit., 81.

⁴⁶ Tenhamos presente, por exemplo, a obra de autores como Frei Amador Arrais e Frei Heitor Pinto. Sobre a erudição que patenteiam (ou ocultam...), desenvolveram já estudos atentos Anne-Marie QUINT (*L'Imagem da Vida Cristã de Frei Heitor Pinto. Essai d'interprétation du langage figuré chez un humaniste chrétien*. Paris, 1995, 81-105), José Adriano Freitas CARVALHO (*Erudição e Espiritualidade no século XVI em Portugal. Nótula a propósito da Imagem da Vida Cristã, de Fr. Heitor Pinto. O.S.H., in O Humanismo Português 1500-1600. Primeiro Simpósio Nacional 21-25 de Outubro de 1985*, Lisboa, 1988, 653-681) e Aníbal Pinto de CASTRO (*D. Fr. Amador Arrais ou a cultura de um Humanista ao serviço da acção pastoral de um Bispo tridentino, in A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, 7/ nova série (1992), 335-351).

⁴⁷ Entre outras restrições, Garzoni, apoiado na autoridade de Santo Agostinho e S. Gregório, salienta: «voler empir la predica di filosofia, d'astrologia, et di simili altre scienze vane, è cosa vituperabile, et indegna, perché l'ancilla non si deve preporre alla regina». Sobre a prática de um bispo que «recitava le favole de' poeti, et le moralizava», declara: «la qual cosa non conviene; si come disconviene ancora, che il predicatore predichi cose apocrife, et non autentiche a patto alcuno.» (Tommaso GARZONI, *La Piazza Universale di Tutte le Professioni del Mondo*. A cura di Giovanni Battista Bronzini con la collaborazione di Pina De Meo e Luciano Carcereri, Firenze, 1996, 114. Trata-se do «Discorso III – De' religiosi in genere, et in particolare de' prelati, et sudditi, de' cerimonieri, de' superstitosi, de' canonici, monaci, e frati, de' cavalieri, et finalmente de' predicatori»).

⁴⁸ Baltasar GRACIÁN, *Agudeza y Arte de Ingenio*. Edición, introducción y notas de Evaristo Correa Calderón, t. II, Madrid, 2001, 220.

ya de la de un poeta, si se dedigna de ilustrar con el verso su enseñanza. Hasta el verdadero maestro, el apostólico sábio, el predicador de las gentes, San Pablo, se valió en su ocasión de la erudición gentilica y poética [...]»⁴⁹.

Retenhamos esta maleabilidade preceptiva, que se detecta ainda, v.g., na adaptação, por Fr. Diego de Estella, de uma difusa sentença de Plínio: «Dos cosas has de tener si te quieres aprovechar de los libros que lees. Una es tener elección para saber escoger y echar mano de lo bueno. La otra es saber aplicar aquello a sus propios lugares, y que venga muy a pelo y a buen propósito, de manera que venga nacido. Para quien sabe hacer estas dos cosas no hay libro malo [...]»⁵⁰. Por este prisma, ganham relevo trechos como o que Vieira urdiu no *Sermão da Primeira Sexta-feira da Quaresma*, pregado na Capela Real no ano de 1651: «Logo ao senhor interesse é que serviam, e não ao rei. Sete anos de pastor servira Jacob a Labão, pai de Raquel, mas não servia a ele, servia a ela. E porque servia Jacob a Raquel, e não a Labão? Porque Raquel era a quem amava. Porque amava a Raquel, por isso servia a Labão; e o amor não está no por isto, está no porquê. Porque amam o seu interesse, por isso servem ao rei. Indigna cousa, por certo, que seja o rei o Labão, quando o vil interesse é a Raquel.»⁵¹

Não se trata, agora, de rastrear a presença (ou a dúctil acomodação) do «admirável»⁵² episódio do Antigo Testamento (*Génesis*, XXIX, 9-27) nos *Sermões*. Veríamos aquela quase infinita liberdade que foi apanágio do conceito predicável, central na oratória sagrada barroca: conceito predicável que acre censura desencadeou, logo no século XVII, a quantos (Vieira inclusive...) se inquietavam com os excessos da eloquência⁵³, e adiante, já no âmbito do iluminismo setecen-

⁴⁹ Baltasar GRACIÁN, *Agudeza y Arte de Ingenio*, ed. cit., 218.

⁵⁰ Ap. António CASTILLO GÓMEZ, *El Taller del Predicador. Lectura y escritura en el sermón barroco*, in *Via Spiritus*, 11 (2004), 25.

⁵¹ P^o António VIEIRA, *Sermões*. II, 364.

⁵² Enfatiza Vieira, num passo onde anaforicamente reitera o adjetivo «admirável»: «O amor e as finezas de Jacob por Raquel, foram as mais encarecidas e admiráveis que lemos, não nas fábulas ou histórias humanas, senão na Escritura Sagrada.» (P.e António VIEIRA, *Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso*, in *Sermões*. V, 337).

⁵³ É possível observar, em textos anteriores, sobretudo à medida que se valoriza o «conceito», reparos acerca do uso desenfreado da Escritura. Huarte de San Juan (1575) não hesitava em caracterizar deste modo o labor dos pregadores: «su estudio particular (fuera del provecho que pretenden hacer con su doctrina) es buscar un buen tema a quien puedan aplicar a propósito muchas sentencias galanas traídas de la divina Escritura, de los sagrados doctores, de poetas, historiadores, médicos y legistas, sin perdonar ciencia alguna, hablando copiosamente, con elegancia y dulces palabras [...]». E, referindo-se aos pregadores «que juntan mucha memoria con mucha imaginativa y son faltos de entendimiento», comentou: «Éstos se llevan todo el auditorio tras si y lo tienen suspenso y contento; pero quando más descuidados estamos amanecen en la Inquisición. Porque *per dulces sermones et benedictiones seducunt corda innocentium*.» (Huarte de SAN JUAN, *Examen de ingenios para las ciencias*. Ed. de Guillermo Serés, Madrid, 1989, 465).

tista, a homens como Luís António Verney, implacáveis na recusa dos rasgos de engenho como atropelos da razão⁵⁴. Por esse trilho, veríamos o pregador tirar da Raquel bíblica outras Raquéis⁵⁵, veríamos o jesuíta como portentoso prestidigitador, do mesmo texto continuamente trazendo novidades. Não é este, porém, o objectivo do trabalho. Há que perceber, sim, que, ao parafrasear o texto bíblico, levantando conceito, Vieira decalca – sem alarde, «de maneira que [ven] nacido» – parte do celeberrimo soneto camoniano «Sete anos de pastor Jacob servia».

Um caso, este, a que muitos outros se somam: nos *Sermoens*, entre a Bíblia e a poesia sobra margem para a arquitectura de pontes delicadas; melhor, para um inteligente, criterioso e muitas vezes ambíguo exercício intertextual.

De onde se tira quanto se prega

No *Sermão de Santo António* pregado na Igreja de Santo António dos Portugueses, c. 1672-4, em Roma (um dos nove que Vieira dedicou ao seu Santo homónimo e predilecto), narra-se como *exemplum*: «Assombrado o Demónio, e raivoso das maravilhas com que Santo António, entre católicos e hereges, despovoava o Inferno, determinou (quem tal imaginara!) desarmá-lo. Tinha o Santo reduzido a lição da Sagrada Escritura a um livro de lugares-comuns e matérias particulares, do qual se valia, principalmente quando havia de pregar sem novo estudo, e de repente.»⁵⁶ Como procedeu o demónio? «Foi-se ter com um noviço que devia ser pouco humilde, e de altos, ou altíssimos pensamentos, e disse-lhe interiormente: – Não vês a grande fama de Fr. António, que leva todo o mundo após si com suas pregações? Pois eu te ensinarei meio, com que faças tua toda a sua fama, armando-te a ti e tirando-lhe as suas armas a ele: na sua cela tem um livro, de que tira quanto prega: entra lá ocultamente, tira-o, e esconde-o onde ninguém te veja, nem o saiba: e logo saindo-te da Religião, pois és noviço, com o teu talento, de que tanto presumes, e com o seu pecúlio, serás outro Santo António.»⁵⁷

Foi crucial, nos séculos XVI e XVII, a voga dos livros de lugares-comuns, autênticas artes da memória ou repertórios enciclopédicos, bibliotecas portáteis e de consulta expedita, úteis em múltiplas ocasiões: havia livros particu-

⁵⁴ Sobre a tradição do conceito predicável em Portugal, veja-se o trabalho de Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, ed. cit., especialmente os capítulos I, II, IV e V. Para um enquadramento europeu, ver Marc FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*, ed. cit.; Mercedes BLANCO, *Les Rhétoriques de la Pointe. Baltasar Gracián et le Conceptisme en Europe*. Genève, 1992.

⁵⁵ P.e António VIEIRA, *Sermões*. II, 370.

⁵⁶ P.e António VIEIRA, *Sermão de Santo António*, in *Sermões*. VII, 137.

⁵⁷ P.e António VIEIRA, *Sermão de Santo António*, in *Sermões*. VII, 138.

lares, compilações pessoais; havia livros destinados a consumo colectivo; muitos eram e permaneceram manuscritos; alguns foram impressos⁵⁸. Plasmam-se e tendem a perpetuar-se, nestes compêndios, valores poéticos, éticos e morais: poéticos na medida em que a moda dos repertórios traduz o comprazimento, de raiz humanista, na imitação; éticos e morais na medida em que a selecção dos fragmentos é reveladora de uma *doxa* e de um cânone de autoridades, antigas e modernas, religiosas e profanas.

O método de estudo do pregador, indissociável desta cultura erudita da tradição e subordinado ao paradigma retórico dominante, impelia à organização de tais livros («Leyendo [...] siempre ha de ir con la pluma en la mano, notando y guardando», incitava Terrones del Caño⁵⁹), pelo que algumas artes concionatórias dedicaram capítulos ao assunto: havia que saber recolher e escolher⁶⁰, havia que saber guardar para ter com que argumentar. Mau grado o risco de delírio virtuosístico na exibição ou no manuseamento temerário dessa «sustancia» destilada com afã (com o perigo de distorção do texto sagrado, fruto de uma euforia interpretativa que no Concílio de Trento se havia já querido refrear⁶¹); mau grado o receio da dependência de lugares-comuns, em prejuízo da fecunda *peregrinatio* por muitos livros (numa conduta intelectual reduzida à busca de meros excertos, propícia à elucubração falaciosa), os cartapácios resistiram, como instrumentos de

⁵⁸ Ver Anibal Pinto de CASTRO, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, ed. cit., pp. 83-141; Victor INFANTES, *De Officinas y Polyantheas: los diccionarios secretos del siglo de oro*, in Luísa López Grigera y Augustin Redondo (ed.), *Homenaje a Eugenio Asensio*. Madrid, 1988, 243-257.

⁵⁹ Don Francisco TERRONES del CAÑO, *Instrucción de Predicadores*, ed. cit., 50.

⁶⁰ O jogo de palavras, aplica-o Vieira, distinguindo cristãos de hereges e judeus: «Na nossa fé está o ouro sem escória, o grão sem palha, e a verdade sem erro; nas suas seitas andam os erros de mistura com as verdades, mas nem por isso as verdades que o são deixam de ser verdades. Tais eram as que São Jerónimo recolhia, ou escolhia daqueles que ele não duvida chamar seus mestres.» (António VIEIRA, *Apologia das Coisas Profetizadas*. Organização e Fixação do Texto de Adma Fadul Muhana, Lisboa, 1994, 279).

⁶¹ Ver Leonel Ribeiro dos SANTOS, *Vieira e a Hermenêutica Barroca in Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*. IV (2002), 19-20. Vieira parafraseou assim a regra estabelecida no Concílio de Trento: «Para refrear o orgulho e audácia dos engenhos, determina e manda o Santo Concílio que ninguém, fundado no próprio parecer acerca das cousas da fé e costumes pertencentes à edificação da doutrina cristã, torcendo o sentido da Sagrada Escritura e elevando-a a seu propósito, se atreva a interpretá-la contra o sentido que teve e tem a Santa Madre Igreja, a quem pertence julgar da verdadeira inteligência das Santas Escrituras, ou também contra o comum consenso dos Padres.» (*ap.* José van den BESSELAAR, *As notas marginais na Editio Princeps da História do Futuro de António Vieira, in Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*. Herausgegeben von Hans Flasche, Münster Westfalen, 1971, 83) Precisamente, a «altivez e presunção» atribuiria a Inquisição o comprazimento de Vieira no uso singular das letras divinas, «com manifesto abuso da mesma Escritura, impropriedade e violência das palavras dela» (Adma Fadul MUHANA, *Os autos do processo de Vieira na Inquisição*. Edição, transcrição, glossário e notas [...]. São Paulo-Salvador BA, 1995, 399).

préstimo⁶². Por entre abundantes *cave*, a parenética não prescindiu do seu amparo, nem poderia fazê-lo, decerto, sob a pressão dos padrões em vigor na «idade da eloquência».

Com a sua exigente consciência de autor, o P.e António Vieira tematizou estas questões, fundamentais na oratória barroca, escorada na assimilação e acomodação de um *logos* vasto, que se estendia para além da Bíblia. Vemo-lo frisar que a «pensamento sem autor» faltaria robustez⁶³ («os ditos que alegamos se chamam autoridades, porque o autor é o que lhes dá o crédito e lhes concilia o respeito»⁶⁴); vemo-lo ciente de que essa era via obrigatória, já que a cópia de «lugares» sustentava um incansável jogo de aplicação de textos, e por aí obtinha o pregador o seu triunfo junto de um público que, com muitos «ouvintes de ver»⁶⁵, desejava também o espectáculo do engenho⁶⁶ – «finitamente infinito»⁶⁷, «uma perpétua novidade sem nenhuma cousa de novo»⁶⁸.

⁶² Recorde-se o «Alívio IV» de *El Passagero*, de Christoval SUAREZ DE FIGUEROA (Madrid, Luis Sanchez, 1617). Salientando que ao pregador «conviene [...] valerse de cantidad de libros de que se puedan sacar los concetos que introduzen y pruevan la proposicion elegida» (168v), acaba por propor um rol de repertórios, sumas ou florilégios. O recurso a tais obras é preferido ao dos «sermonarios en romance», acusados de causarem «generalmente notable daño»: «Quitán la invencion propia, la elegancia del language, la agudeza de los pensamientos, y concetos levantados. Son ocasión de que no estudien los principiantes, asidos a sus romancistas. Hazen dar a menudo en cosas comunes, y trilladas, que todas lo son por andar en tantas manos, y en lenguas de quien no los entendiera en latín.» (170).

⁶³ P.e António VIEIRA, *Sermão de Santo António*, in *Sermões*. VII, 184.

⁶⁴ P.e António VIEIRA, *Sermão IV do Rosário*, in *Sermões*. X, 387.

⁶⁵ «Os ouvintes dos pregadores, uns têm ouvidos de ouvir, outros têm ouvidos de ver. Uns têm ouvidos de ouvir, porque vêm ouvir para ouvir – para ouvir aquela doutrina, para a tomar, para se aproveitar dela; outros têm ouvidos de ver, porque vêm ouvir, não para ouvir, senão para ver: para ver se falou o pregador com equívocos ao uso, ou com lhanza e gravidade apostólica; para ver se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade por antiga seja menos verdadeira ou menos venerável; para ver se tocou neste ou naquele, e mais nos maiores [...]» (P.e António VIEIRA, *Sermão da Segunda Quarta-Feira da Quaresma*, in *Sermões*. III, 140-141). Agravava ainda este desejo de engenhosa novidade o interesse pela linguagem «cult» – deliberadamente obscura, em especial pela elaboração metafórica que era seu cunho distintivo (Ver Félix HERRERO SALGADO, *La oratoria sagrada en el siglo XVII: tradición e innovaciones in Estado Actual de los Estudios sobre el Siglo de Oro. Actas del II Congreso Internacional de Hispanistas del Siglo de Oro*. Editadas por Manuel Garcia Martín, Ignacio Arellano, Javier Blasco, Marc Vitse, Salamanca, 1993, vol. I, 501-508).

⁶⁶ Maria Lucília Gonçalves PIRES, *Pregador e ouvintes nos Sermões de Vieira*, in *Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca*. Lisboa, 1996, 89-100; *id.*, *Mistério e triunfo na oratória de Vieira*, in *Terceiro Centenário da morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Actas*. Vol. I, Braga, Universidade Católica Portuguesa/Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999, 103-117.

⁶⁷ «Habló del ingenio con él, quien le llamó finitamente infinito.» – sublinhou Gracián, talvez ciente de que citava Giordano Bruno (Baltasar GRACIÁN, *Agudeza y Arte de Ingenio*. ed. cit., t. II, 158).

⁶⁸ Padre António VIEIRA, *Livro Antepimeiro da História do Futuro*. Nova leitura, introdução e notas por José van den Besselaar, Lisboa, 1983, 122.

No remate do *exemplum* citado, lê-se: «O intento de desarmar a Santo António com o furto do livro foi recebido com riso de todos os que o souberam, como se Santo António fosse pregador de cartapácio, e como Arca do Testamento, que era, não tivesse dentro em si mesmo as tábuas de ambas as Leis, isto é, de todas as Escrituras, assim da Lei escrita, como da Graça»⁶⁹. Entende-se este «riso», entende-se o desprezo do apodo («pregador de cartapácio»⁷⁰) pelo mesmo Vieira que no *Sermão da Sexagésima* deplorava e zurzia o abuso do emprego de materiais em segunda-mão, aí diagnosticando um factor de depauperação da oratória sagrada: o Santo (qual Ezequiel) não precisaria do livro de *excerpta* para ser quem era; «o pregador» – sentenciava o jesuíta – «há-de pregar o seu e não o alheio»⁷¹. Os limites desta regra, porém, adivinham-se no avesso da sua fachada peremptória. Toda uma prática diversa grassava, e Vieira assim o declarou, num comentário agudo sobre as estradas da oratória: «estão tão batidas e debatidas, que, como bem dizia há muitos anos um dos maiores oradores de Espanha, ninguém pode pôr o pé, senão sobre pegada alheia»⁷².

No *exemplum* antoniano, Vieira isola a Bíblia como pura e absoluta fonte do «livro» de onde o Santo «tira quanto prega», simbolizando o valor – superlativo, ímpar, seminal – conferido às Escrituras. Na verdade, em cartapácios preparados para suporte da oratória sagrada, preponderavam o Velho e o Novo Testamentos, secundados pela Patrística e por uma ampla tradição hermenêutica. Contudo, mesuradamente, textos profanos podiam ser incluídos, como se verifica na *Sylva locorum, qui frequenter in concionibus occurrere solent, omnibus divini verbi concionatoribus: cum primis utilis & necessaria. In qua multa tum ex veterum Patrum sententiis collecta, tum opera & studio autoris animadversa traduntur: quae ad hoc munus exequendum vehementer conducant*, de Fr. Luís de Granada⁷³, ou no *Viridarium Sacrae, et Profanae Eruditionis*, de Francisco de Mendonça S.I⁷⁴, ou no *Jardim da Sagrada Escripura. Disposto em modo alphabetico. Com hum elenco de discursos, & conceitos sobre os Evangelhos das Domingas, quartas, & sextas feiras da Quaresma, & Domingas do Advento: utilíssimo para Pregado-*

⁶⁹ Pe António VIEIRA, *Sermão de Santo António*, in *Sermões*. VII, 138.

⁷⁰ A expressão teria na época sentido vivamente depreciativo. Recorde-se a advertência feita por D. Francisco de Portugal, na *Arte de Galanteria* (Lisboa, Juan de la Costa, 1670), no que tocava a «valer de versos»: «con riesgo de que le suceda como al que trayendo por respuesta dos versos de un Romance a una dama, dixo ella»: «oh que cansada cosa, discretos de cartapacio» (67-68).

⁷¹ Pe António VIEIRA, *Sermão da Sexagésima*, in *Sermões*. I, 24.

⁷² Pe António VIEIRA, *Sermão da Conceição Imaculada da Virgem S.N.*, in *Sermões*. X, 117.

⁷³ Foi obra de pujante fortuna editorial. Editada em Salamanca, em 1585, dela se fizeram pelo menos quatro edições no ano seguinte, em Salamanca, Lyon, Paris e Veneza.

⁷⁴ Obra de publicação póstuma, em Lyon, no ano de 1632, o *Viridarium* foi objecto de várias reedições ao longo do século XVII e ainda no começo de Setecentos.

res, & Curas de almas, que por elle com menos trabalho podem aproveitarse da muita doutrina, & erudiçam que este livro contem, de Fr. Cristóvão de Lisboa⁷⁵, e, pelo título gizado, é lícito conjecturar que sucederia nos *Novem Volumina, seu Promptuaria ad facile de qualibet materia concionandum, referta rationibus, Patrum testimoniis, et Eruditione sacra, et profana ab eo collecta; et per Litteras Abecedarii ab A usque I, distributa; una cum tribus Indicibus, totidie distinctis voluminibus comprehensis, pertença de Vieira*⁷⁶.

Nos *Sermões*, volume após volume, e como vinha sendo costume em livros do género⁷⁷, o jesuíta inseriu um *Index Locorum* ou «Index dos Lugares da Sagrada Escritura»: uma colecção de conceitos predicáveis, um património de mestre, precioso para outros pregadores⁷⁸; ou, para qualquer leitor, um elenco de fontes primordiais, que ostensivamente testemunhava a ancoragem da oratória vieiriana na grande matriz bíblica. Não vem desamparado, este rol: no corpo de cada sermão, ladeado de *marginalia*, acha-se a designação inequívoca de fartas minas teológicas e religiosas. Quanto aos textos profanos, em particular os textos poéticos, é diferente a sua sorte: nenhum repertório os localiza ou discrimina⁷⁹, e se a parénesis os integra, nela entram de forma vária, que importa destrinçar.

No *Sermão de acção de graças pelo nascimento do príncipe D. João*, evocando com saudade D. Teodósio, Vieira reinventou o *topos* que desde o Renas-

⁷⁵ Publicado também postumamente, em 1653, prometia uma segunda parte que nunca terá chegado a ser impressa.

⁷⁶ Ver Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, ed. cit., 90.

⁷⁷ A valorização dos índices, frequente nos paratextos introdutórios, detecta-se até na portada dos livros. Por exemplo, a edição castelhana de 1678 (Madrid, António Francisco de Zafra) anuncia, na folha de rosto: *Sermones Varios del Padre Antonio Vieyra, de la Compañia de Iesus. Con XVIII Sermones nuevos, y dos Índices, uno Doctrinal, y otro de Lugares de Escritura*. [...] Em 1662 e 1664, os tomos estampados em Madrid apregoavam *dos tablas, una de los lugares de la Sagrada Escritura, y otra de asuntos y cosas más notables*. Em rigor, há que acrescentar que uma das edições de 1664 promete «tres tablas, una de sermones, otra de lugares de la Sagrada Escritura, y otra de asuntos y cosas más notables».

⁷⁸ Numa carta ao Cónego Francisco Barreto (16-7-1692), Vieira escrevia, a respeito da edição das *Cinco Pedras de David*: «Supondo também que no fim do livro se há-de acrescentar o *Índex*, que foi o mais exacto que se fez, nele com maior clareza e brevidade não só se resume a substância de tudo, mas se dá luz e abre o caminho a outros pensamentos e discursos, como me confessou no colégio de Santo Antão um mestre de grande talento; e que por isso tinha sido o mesmo *Índex* o a que o Padre Mendo chamou inimitável» (*Cartas do Padre António Vieira*, III, 651).

⁷⁹ Ao «*Índex Locorum*», Vieira acrescenta, sistematicamente, um «*Índex das cousas mais notáveis*» Aqui, de quando em quando abarca, entre outras, menções mitológicas, referências aos gentios ou mesmo evocações elogiosas de exemplos Antigos. Nunca inclui, porém, registo de textos profanos modernos. Assim, no *Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Holanda*, destaca a «acomodação do Salmo 43», mas nenhuma nota aponta a intertextualidade camonianiana ali também detectável (*Sermoens do P. António Vieira, da Companhia de Jesu, Pregador de Sua Magestade*. Terceira Parte, Lisboa, Miguel Deslandes, 1683, 558).

cimento sintetizava um ideal de cultura. Não teria o príncipe numa mão a espada e noutra a pena: «Na lição e eleição dos livros com tal estudo se applicava aos sagrados que nem por isso desestimava os humanos: sempre trazia consigo da parte direita a Bíblia, e da esquerda Homero»⁸⁰. D. Teodósio aborrecia o «fingimento», recordara já o pregador no Sermão das exéquias deste príncipe, e «Só dos poetas gostava; porque quem mente por profissão, fala verdade e não engana.»⁸¹ Que nos mostram estas asserções? Com perícia oximórica, o jesuíta destaca a especificidade da criação poética, legitimando-a, o que é notável, como notável é o estabelecimento de nexos com planos gnosiológicos e teológicos: Vieira emparelha «mentira» e poesia, e reitera que «os poetas [...] merecem pouco crédito»⁸², mas não se inibe de lhes conceder extraordinárias virtudes. Num aparte, duvida «se pode haver poeta que não seja filósofo»⁸³; e, *mutatis mutandis*, avizinha profecia e poesia⁸⁴.

Poesia profana (*lato sensu*), Vieira usa-a honrosamente, tratando de distinguir o património Antigo: nem sempre apaga (antes explicita, amiúde) o nome dos clássicos, que aprendera a imitar enquanto *auctores*⁸⁵ e a estimar como precursores que «[havam facilitado] no entendimento dos homens a crença de tão altos e tão secretos mistérios como os que Deus tinha guardado para a lei da Graça»⁸⁶. Mais: expõe a admiração que lhe inspiram Homero, Virgílio, Ovídio, Marcial⁸⁷, Juvenal, Séneca, Terêncio, e ao citá-los (assinalando-o, com frequência) chega a outorgar-lhes o estatuto de autoridades. Dos estrangeiros modernos, pouco

⁸⁰ P.e António VIEIRA, *Sermão de acção de graças pelo nascimento do príncipe D. João, primogénito de SS. Majestades que Deus guarde*, in *Sermões*. XV, 192-193.

⁸¹ P.e António VIEIRA, *Sermões*. XV, 292.

⁸² P.e António VIEIRA, *Sermão de Santa Bárbara*, in *Sermões*. IX, 188.

⁸³ P.e António VIEIRA, *Sermão do Nascimento do Menino Deus*, in *Sermões*. I, 291.

⁸⁴ «Não só os poetas, mas ainda os profetas, quando querem descrever a tempestade mais horrível, dizem que a braveza e a fúria dos ventos já levantam as ondas ao Céu, já as precipitam no Inferno.» (P.e António VIEIRA, *Discurso Quarto – As cinco pedras da funda de David*, in *Sermões*. XIV, 258).

⁸⁵ Escreveu o P.e André de Barros, a propósito do êxito pedagógico de Vieira no Colégio de Olinda, c. 1626: «Cresceu com tal Mestre o ardor dos discípulos, e desejando ver ilustradas as Tragédias de Séneca (de que ainda então não havia no Brasil Comentos), ditou-lhe neste ano um Comentário sobre elas, obra que se lhe perdeu na Província, levando a mesma fortuna outro *Comentário aos Metamorfôseos de Ovídio*, de que ele fazia particular apreço.» (*Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesus* [...], Lisboa, Nova Oficina Silviana, 1746, 13-14).

⁸⁶ P.e António VIEIRA, *Sermão do Santíssimo Sacramento*, in *Sermões*. VI, 95-96.

⁸⁷ Entre parênteses, lembremos que numa carta enviada de Roma, em 29-9-1673, a Duarte Ribeiro de Macedo, Vieira escreveu: «O dístico de Marcial, de que eu não estava lembrado, posto que em seu tempo folgava de dar àquele poeta alguns quartos de hora sucessivos, é galantíssimo em si, mas a aplicação excede muito a graça do epigrama.» (*Cartas do Padre António Vieira*. II, 636).

ou nada fala, ainda que os não ignore⁸⁸. No que concerne a poetas lusos⁸⁹, muito embora os mobilize com parcimônia e sem patentear a sua identidade (com a singularíssima exceção de Manuel Bocarro Francês⁹⁰), nada tem de altaneiro – ao arrepio dos alvitres de Terrones del Caño – o modo como os aplica, a par do «tesoro» bíblico⁹¹.

Compreende-se que assim pudesse acontecer, dadas as fissuras no edifício preceptivo e atendendo à prática comum. De resto, no seio da própria Companhia, Vieira acharia estímulo para proceder a tais aproximações, governadas por duas bitolas: um sentido geral da hierarquia poética e genológica; uma particular consciência moral e artística, determinante na relação que engendrou com certas vozes e *personae*.

Meandros da memória

Sabe-se da curiosidade e do gosto de Vieira pelos livros, «cuja doçura»

⁸⁸ No *Sermão do Nascimento do Menino Deus*, Vieira cita abertamente o *De partu Virginis*: «como devotamente cantou Sanazarro» (*Sermões*, I, 283). É caso excepcional, ainda que a lembrança deste autor e deste texto perdurem na inclusão do verso «Omnia fert tellus» em cartas tardias. No *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, surge também o nome de Petrarca e uma citação dos *Trionfi*, a respeito da reacção usual à novidade e à mudança introduzida no conhecimento (Lisboa, 1983, 121). Já se na *Voz de Deus, à Baía e ao Mundo* (1695) Vieira citou integralmente um soneto de Quevedo – «aquele autor» designado por perifrases: «insigne no burlesco», «pena tão jocosa» -, fê-lo para o refutar, como exemplo de um juízo errado sobre os sinais divinos no mundo (*Obras Varias do Padre António Vieira*. T. II, Lisboa, Editores J.M.C. Seabra & T.Q. Antunes, 1857, 34).

⁸⁹ No *Sermão da Primeira Dominga da Quaresma*, Vieira afirma: «na estimação do avarento não há outro Deus mais que o dinheiro; e nele, como diz o nosso Poeta português, adora mais os cunhos que a Cruz» (*Sermões*. II, 434) Fica por deslindar a origem deste decassílabo. Noutra texto, o *Sermão de Santa Cruz*, o jesuíta recordara: «De um soldado português disse um poeta também nosso, que levava *Nos fios da espada que meneia/a vida própria e a morte alheia.*» (*Sermões*. VII, 24). Neste caso, o «poeta também nosso» é Luís Pereira, e a *Elegiada* é a obra citada, porventura de cor, sem absoluta fidelidade à letra do poema impresso e omitindo que ali se fala dos últimos feitos de D. Sebastião em Alcácer Quibir: «Leva na terça espada que meneia/A sua própria vida, e a morte alheia» (*Elegiada*. Lisboa, 1588, 262v – devo ao Prof. Arnaldo do Espírito Santo a identificação do «poeta» e da obra).

⁹⁰ *Discurso apologético oferecido secretamente à rainha nossa senhora para alívio das suas saudades, depois do falecimento do príncipe D. João, primogénito de SS. Majestades* (P.e António VIEIRA, *Sermões*. XV, 79-80). Convém lembrar, para melhor avaliarmos o peso da menção a Bocarro Francês, que o seu nome surgia a par do de vozes proféticas – e talvez por essa razão Vieira lhe conceda relevo único (Ver João Francisco MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Restauração. 1640-1668*. vol. II, Porto, 1989, 212).

⁹¹ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 790. A carta, dirigida ao P.e Jácome Iquazafigo, está datada de 30-4-1686.

– dizia – «é veneno»⁹²; sabe-se da diligência com que procurou organizar e tirar partido do acervo acumulado no colégio de Coimbra, durante a clausura triste a que o vergou o processo inquisitorial⁹³; sabe-se da sua memória e do orgulho de possuir, de cor, livre de barreiras e acima da contingência, textos caros⁹⁴. Perdeu-se, porém, a sua biblioteca privada, que apeterceria estudar como indicador de preferências bibliográficas, e perdeu-se aquela que seria a sua livraria abreviada: os *Novem Volumina, seu Promptuaria ad facile de qualibet materia concionandum...* Necessário é calcorrear a obra, para rastreamos leituras do autor, sub-reptícias ou apregoadas.

Das ligações de Vieira com a poesia, já em 1911 reveladas pelo P.e Luís Gonzaga Cabral⁹⁵, ocuparam-se, seguindo o filão Antigo, estudiosos como Raymond Cantel, que sondou influxos ovidianos⁹⁶, Paulo Durão, que respigou Séneca nos *Sermões* de Vieira⁹⁷, e José van den Besselaar, que pesquisou vestígios de clássicos nas *Lágrimas de Heraclito*⁹⁸. Na senda de Gonzaga Cabral, o P.e Domingos Maurício provaria o relevo de Camões na cultura jesuíta⁹⁹. «Ecos d' *Os Lusíadas* e dos poemas líricos»¹⁰⁰ existem nos *Sermoens* – voltou a insistir, décadas mais tarde, António José Saraiva. E, disposto a aventurar-se neste *mare magnum*, Hans Flasche apurou aliciantes resultados¹⁰¹, que a apreciação do conjunto *Xavier dormindo, e Xavier Acordado*, por Mário Garcia S.I.¹⁰², veio corroborar.

⁹² *Cartas do Padre António Vieira*. III, 470.

⁹³ *Cartas do Padre António Vieira*. II, 39.

⁹⁴ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 791.

⁹⁵ Ver P.e Luís Gonzaga CABRAL S.J., *Vieira-Prêgador. Estudo Filosófico da Eloquência Sagrada segundo a vida e as obras do Grande Orador Português*. Tomo primeiro, 2ª ed., Braga, 1936, 193-194.

⁹⁶ Ver Raymond CANTEL, *Ovide et les Sermons du Père Vieira*, in *Separata do Bulletin des Études Portugaises*, t. XVIII, 1955, 5-16.

⁹⁷ Ver Paulo DURÃO, *Séneca nos sermões de Vieira*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga, XXV/ 3 (Julho-Setembro 1965), 322-327.

⁹⁸ Ver José van den BESSELAAR, *Reminiscências clássicas nas «Lágrimas de Heraclito»*, in *Homenaje. Estudios de Filología e Historia Literaria Lusohispanas e Iberoamericanas. Publicados para celebrar el tercer lustro del Instituto de Estudios Hispánicos, Portugueses e Iberoamericanos de la Universidad Estatal de Utrecht*. La Haya, 1966, 117-135.

⁹⁹ Ver Domingos Maurício Gomes dos SANTOS, S.I., *Camões e os Jesuítas. A propósito duma nova edição dos Lusíadas*, in *Brotéria*, IX/ 4 (Novembro de 1929), 288-310; *Id.*, *Os Jesuítas e Camões*, in *Brotéria*, XI/ 3, (Março de 1930), 137-149; *Id.*, *Os Jesuítas e Camões (1589-1746)*, in *Brotéria*, XI/ 4 (Abril de 1930), 226-237.

¹⁰⁰ António José SARAIVA, *As quatro fontes do discurso engenhoso*, in *O discurso engenhoso. Ensaio sobre Vieira*. Lisboa, 1996, 106. A primeira edição deste texto saiu em 1970, no t. 31 do *Bulletin des Études Portugaises*.

¹⁰¹ Ver Hans FLASCHE, *António Vieira e Camões*, in *Homenaje a Camoens. Estudios y Ensayos Hispano-Portugueses*. Granada, 1980, 211-222.

¹⁰² Ver Mário GARCIA, *Xavier, heterónimo de Vieira*, in *Brotéria*, 145/ 4-5 (Out.-Nov. 1997), 437-467.

«Os poetas e escritores vernáculos, em especial os portugueses e castelhanos», não foram esquecidos pelo pregador, frisou Aníbal Pinto de Castro¹⁰³.

Indubitavelmente, Vieira leu Camões. A «representação pessoal» construída por um e por outro ganha, aliás, nitidez em cotejo¹⁰⁴ – demonstrou Margarida Vieira Mendes. E que a memória do vate perdura, na obra do jesuíta, até quando ajustada a uma perspectiva que a transcende, evidenciou-o Maria Leonor Buescu, em notas à *História do Futuro*¹⁰⁵, e assegurou-o Arnaldo Espírito Santo, ao caracterizar a concepção histórica amadurecida na *Clavis Prophetarum*¹⁰⁶, onde Vieira, exacerbando o providencialismo messiânico cantado também por Camões¹⁰⁷, passa «progressivamente de um Quinto Império português para a magnífica visão escatológica de um império universal e cósmico, o Reino de Cristo Consumado, só possível graças aos descobrimentos portugueses.»¹⁰⁸

Beneficiamos destes contributos e de quanto dão a conhecer. Aqui, revisitaremos a relação de Vieira com a poesia camoniana – intertexto discreto, imitado e até parodiado nos *Sermoens*. Onde nos leva tal inquérito? Os contactos descobertos hão-de ilustrar a recepção seiscentista de Camões, e constituem, não menos, parte da imagem que o jesuíta de si e do seu mundo teceu, pois nunca é anódina, a intertextualidade: pelo contrário, «corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora», ideologicamente motivada¹⁰⁹. Vieira, para quem «o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve»¹¹⁰, devia anuir. E, em «aquilo que escreve», concordaria em abarcar não só aquilo que um autor de outros fixa e recria¹¹¹, mas ainda a maneira que adopta para o fazer, gerando aura própria.

¹⁰³ Aníbal Pinto de CASTRO, *António Vieira. Uma síntese do Barroco Luso-Brasileiro*. Lisboa, 1997, 38.

¹⁰⁴ Margarida Vieira MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*, ed. cit., 267-270, 290-293.

¹⁰⁵ Ver António VIEIRA, *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, ed. cit., 363, 366, 370.

¹⁰⁶ Ver Arnaldo do ESPÍRITO SANTO, *Livros de uso do Padre António Vieira, in Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, 9-10 (Outono 2001-Primavera 2002), 177-190.

¹⁰⁷ Ver Raymond CANTEL, *Contribution à l'étude de la place des découvertes dans la pensée portugaise au XVIIe siècle*, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos. Actas*. Lisboa, 1961, vol. IV, 49-64; Hans FLASCHE, *A ideia de missão na epopeia de Camões (canto I-VI) como precursor do missionário Vieira*, in *Zetemata Semantica Syntactica I: Românica*. Stuttgart, 1990, 186-202.

¹⁰⁸ Arnaldo do ESPÍRITO SANTO, *Camões, Vieira: epopeia e profecia, in 1498-1998. Gama, Camões, Vieira, Pessoa. A gesta e os poemas, a profecia*. Caldas da Rainha, 1999, 151.

¹⁰⁹ Laurent JENNY, *A estratégia da forma, in Intertextualidades. Poétique n° 27*. Coimbra, Almedina, 1979, 49.

¹¹⁰ P.e António VIEIRA, *Sermão de Santo Inácio, in Sermões*. VII, 435.

¹¹¹ Não esqueçamos a distinção, considerada no «Índex das cousas notáveis» que Vieira preparou para o volume I dos *Sermoens* (1679): «Não vemos as coisas que vemos, porque não olhamos para elas»; «Há ver sem olhar»; «Ver sem atenção não é vista».

Aristóteles *dixit* e o jesuíta subscreveu: «a forma é a que distingue e dá novo ser a tudo.»¹¹²

Versos líricos

Comecemos por destrinçar: não é como poeta lírico que Vieira mais efusivamente recorda Camões. Esse título¹¹³, guarda-o para Francisco Sá de Miranda: «Meios homens chamou [...] o poeta lírico aos que servem, e disse bem.»¹¹⁴. Por antonomásia, Sá de Miranda é ainda louvado como «o nosso Virgílio», juiz de «experiências» penosas, que o pregador não se furta a recitar: «Eles bebem, e o homem sua/Dói-lhes pouco a dor alheia,/Querem que nos doa a sua.»¹¹⁵ E quando parafraseia (sem lhes precisar a génese) trechos do «Mestre das Musas, mestre da virtude»¹¹⁶, ressalta, como venceu Margarida Vieira Mendes, a colagem do jesuíta à *persona* do conselheiro do rei¹¹⁷, do «homem mais de quebrar do que torcer»¹¹⁸, do «grande e desenganado espírito»¹¹⁹, estóico no abandono da vida áulica¹²⁰, desassombrado na denúncia de desconcertos da História de

¹¹² *Cartas do Padre António Vieira*. III, 355. A carta, dirigida a Duarte Ribeiro de Macedo, está datada de 13-2-1679.

¹¹³ Disso se acha paralelo (melhor, precedente) na *Arte Poética* de D. António de Ataíde (Biblioteca da Ajuda, Ms. 46-VIII-37).

¹¹⁴ P. António VIEIRA, *Sermão de S. Roque, in Sermões*. VIII, 86.

¹¹⁵ P. António VIEIRA, *Xavier Acordado – Sermão IV. Pretendentes, in Sermões*. XIII, 257.

¹¹⁶ A expressão figura na Carta IX (Livro II) de António Ferreira a Francisco de Sá de Miranda (António FERREIRA, *Poemas Lusitanos*. Edição fac-simile da edição de 1598. Estudos introdutórios de Vítor Aguiar e Silva, T. F. Earle e Aníbal Pinto de Castro. Braga, 2000, f. 188).

¹¹⁷ Veja-se como no elogio do Restaurador embrecha Vieira um verso mirandino da carta a D. João III: «podendo-se dizer de el rei D. João o IV o que se cantou ao Terceiro: Com duas canas diante is armado e is temido» (P.e António VIEIRA, *Sermão das Exéquias de El Rei D. João IV, in Sermões*. XV, 319).

¹¹⁸ Ao panegírico de S. Roque (e, de viés, a si mesmo) adequava Vieira, pregando em Lisboa, no ano de 1652, o auto-retrato de Sá de Miranda: «É seria bem que um coração tão generoso, tão inteiro e tão recto como o de S. Roque, e um homem mais de quebrar que torcer, se torcesse e abatesse a semelhantes indignidades?» (P.e António VIEIRA, *Sermão de S. Roque, in Sermões*. VIII, 91). No *Sermão da Quarta Domingo da Quaresma*, pregado em Lisboa, na Capela Real, Vieira voltou a recorrer à imagem mirandina: «as [árvores] que antes querem quebrar que torcer, [ensinam] a rectidão e a constância.» (P.e António VIEIRA, *Sermões*. IV, 38).

¹¹⁹ «Os homens [...], quando vos hão mister, sois seu, quando os haveis mister, sois vosso. Assim o cantou ao som do Lima aquele grande e desenganado espírito que por não ver as ribeiras do Tejo fugiu delas para tão longe» (P.e António VIEIRA, *Sermão de S. Roque, in Sermões*. VIII, 112).

¹²⁰ Veja-se ainda como Vieira parafraseia um trecho mirandino: «A raposa não quis entrar na cova do leão, porque observou que as pegadas dos outros animais todas iam para dentro, e não tornavam para fora.» (P.e António VIEIRA, *Xavier Acordado – Sermão IV. Pretendentes, in Sermões*. XIII, 255).

Portugal¹²¹. Esta era a fama de Sá de Miranda: sábio autor, de versos difíceis porque herméticos no seu estilo elíptico. Não espanta, pois, que, para um pregador, o poeta da Tapada pudesse ser um lídimo e decoroso aliado: a virtude moral de Francisco de Sá alastraria a favor de quem com ele falasse em uníssono. E Vieira aproveitou, com arte e engenho, este sulco benigno.

Mas quanto à lírica de Camões? Avultavam as composições amorosas, que para eclesiásticos eram – de acordo com o pensamento ortodoxo – motivo de desconfiança; julgar-se-ia, igualmente, que o desespero melancólico de canções como «Junto de um seco, fero, estéril monte», ou «Vinde cá, meu tão certo secretário», pouco havia de coadunar-se com a eloquência de um orador sacro. No entanto, por verosímeis que se afigurem tais hipóteses, não colhem: Vieira moveu-se nesse *corpus* e deu-lhe repercussão na sua obra. Significativamente, nunca o torna óbvio.

Deixaremos para trás discutíveis alusões a passos camonianos ou coincidências fortuitas – mais do que ocorrências de *imitatio*, actualizações de tópicos em trânsito.¹²² Diante dos *Sermoens* de Vieira¹²³, concluímos que o jesuíta conheceu as redondilhas «Sóbolos rios»¹²⁴; conheceu o soneto «Sete anos de

¹²¹ «Ah Portugal, que te não temo de Castela, senão de ti mesmo!» (P.e António VIEIRA, *Sermão pelo bom sucesso de nossas armas tendo el rei D. João o IV passado a além-Tejo*, in *Sermões*. XIV, 350).

¹²² O tópico «dous contrários num sujeito» aparece já no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516) e circula na poesia quinhentista – entre outros textos, na canção VII de Camões. Não haverá, porém, qualquer dependência exacta de Camões na actualização que deste lugar-comum Vieira faz: «Assim como dous contrários em grau intenso não podem estar juntos em um sujeito; assim no mesmo coração não podem caber dous amores.» (P.e António VIEIRA, *S. do Mandato*, in *Sermões*. IV, 311). Do mesmo modo, em vários autores, que não apenas em Camões e na sua Canção X, poderia Vieira achar estímulo para dizer «Quem estima vidros, cuidando que são diamantes»... (P.e António VIEIRA, *Sermão do Mandato*, in *Sermões*. IV, 334).

¹²³ De acordo com a «Lista dos Sermões que andam impressos com nome do Autor em várias línguas, para que se conheça quais são próprios e legítimos, e quais alheios e supostos», excluo (embora com dúvidas) a *Question de la fineza del amor de S. Francisco Xavier*, estampada em Espanha nos *Sermones Varios del Padre Antonio Veyra, de la Compañia de Iesus. Con XVIII Sermones nuevos, y dos Índices, uno Doctrinal, y otro de Lugares de Escritura*. [...] (Tomo tercero, Madrid, Antonio Francisco de Zafra, 1678). Neste texto, «el insigne Poeta Portugues» (362) é citado com versos de «Sete anos de Pastor Jacob servia» (363, 367). E é precisamente o fecho deste soneto que serve de remate ao discurso (367).

¹²⁴ É flagrante a recuperação de versos camonianos neste passo: «Tais costumam ser os ministros que a Justiça Divina permite, quando quer dar o último castigo aos pecados, e destruir monarquias. E tal ministro foi Moisés, quando Deus o escolheu para a destruição total de Faraó [...]: tudo eram novidades, mas todas em dano: cada dia se mudavam, mas sempre de um mal grande para outro maior.» (*Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, in *Sermões*. V, 209). Do mesmo modo, são tributárias das redondilhas de Babel e Sião algumas das considerações expendidas a respeito dos êxtases de Santa Teresa: «viu como está o Filho no peito do Padre: e outros segredos da Divindade altíssimos, que cá se crêem, e não se entendem, e só se hão-de ver e entender na Pátria.» (*Sermão de Santa Teresa*, in

pastor Jacob servia»¹²⁵; terá conhecido (sem o atribuir a Camões?¹²⁶) o soneto «O dia em que eu naci moura e pereça», porque decalca a ditologia tautológica do *incipit*, sem paralelo no *Livro de Job* da Vulgata¹²⁷. Qualquer um destes exemplos poéticos – o que não é negligenciável – se funda numa matriz bíblica, e bíblica é a metáfora «bicho da terra», que, repetida por Camões na canção IX e no final do canto I d' *Os Lusíadas*, marcaria o modo como Vieira veio a romancear o Salmo XXI: «Eu sou um bichinho da terra»¹²⁸. Contudo, para lá deste círculo alicerçado na Escritura, outras reminiscências emergem: «algum pensamento poético» (a entrada da canção «Já a roxa manhã clara» – ou parte da estrofe 59 do canto I d' *Os Lusíadas*?) empresta cor à descrição do dia dos funerais de S. Francisco Xavier¹²⁹; o desabafo camoniano sobre o impenetrável «segredo» da vida, na canção «Vinde cá, meu tão certo secretário» («Nascer para viver, e para a vida/faltar-me quanto o mundo tem para ela!»), ressoa no *Sermão de Santo António*¹³⁰; o drama de um sujeito hipertrofiado, gigante trágico na desgraça, de «Erros meus, má fortuna, amor ardente», reencontra-se, transposto para os mártires Apóstolos

Sermões. VIII, 380-381).

¹²⁵ Também no *Sermão da Epifania* Vieira parece retomar subtilmente palavras basilares e uma construção frásica do soneto camoniano: «Servia a estrela aos Magos, ou os Magos à estrela? Claro está que a estrela os servia a eles, e não eles a ela.» (P.e António VIEIRA, *Sermões*. II, 39).

¹²⁶ Ver Vítor Manuel de AGUIAR E SILVA, *Inquirições sobre o soneto O dia em que eu naci moura e pereça*, in *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa, 1994, 191-207.

¹²⁷ «Afogado naquele naufrágio de todos os bens, e martirizado pelo mais cruel de todos os tiranos, com tantos tormentos e dores, volta-se Job contra o dia de seu nascimento, lançando-lhe maldições, quais se não podiam imaginar, da sua paciência e do seu juízo; e diz assim: *Pereat dies in qua natus sum: non numeretur in mensibus: non requirat eum Deus desuper, et non illustretur lumine*, etc. Pereça e morra o dia em que nasci: não seja contado nos meses do ano: não faça caso dele Deus lá de cima, nem nasça nele o Sol; seja mais escuro e tenebroso que a noite; os trovões, as tempestades, os raios, o façam horrendo e medonho; e muitas outras pragas a este tom, que eu não posso deixar de lhas estranhar.» (*Sermão do Nascimento da Mãe de Deus*, in *Sermões*. IX, 270).

¹²⁸ «O mesmo Cristo o disse: *Ego sum vermis, et non homo, opprobrium hominum, et abjectio plebis*: Eu sou um bichinho da terra, e não sou homem, porque sou o opróbrio dos homens, e o objecto da plebe.» (P.e António VIEIRA, *Sermão do Mandato*, in *Sermões*. IV, 409).

¹²⁹ «Anoiteceu o catur na barra de Goa onde ninguém dormiu aquela noite, nem houve dia que tanto tardasse em amanhecer, dizendo algum pensamento poético, que a aurora se detinha em se enfeitar para mais arraiada e mais fermosa que nunca, abrir as portas ao Sol do oriente.» (P.e António VIEIRA, *Xavier Acordado – Sermão Nono – Braço*, in *Sermões*. XIII, 356).

¹³⁰ «Quis Cristo que o preço da sepultura dos peregrinos fosse o esmalte das armas dos Portugueses, para que entendêssemos que o brasão de nascer português era obrigação de morrer peregrino. [...] Nascer pequeno e morrer grande, é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas para a sepultura. Para nascer, pouca terra; para morrer, toda a terra. Para nascer, Portugal, para morrer, o mundo.» (P.e António VIEIRA, *Sermão de Santo António*, in *Sermões*. VII, 68-69).

(«se todos os males do mundo se uniram e conjuraram contra estes homens»¹³¹...). Não radicam, tais textos camonianos, na Bíblia, mas ao texto sagrado acaba o jesuíta por ligar a apropriação que deles realiza. E é assim que o *pathos* de uma existência «em pedaços repartida», da canção IX de Camões, vibra afeiçoado ao encómio do profeta Jeremias e, indirectamente, do próprio Vieira: «Não teve Deus profeta, nem mais zeloso da sua nação, nem mais amante da sua pátria, nem mais cuidadoso e vigilante da sua república, fazendo-se pedaços pela assistir em todos seus trabalhos, já na própria terra, já nos destertos.»¹³²

Identificamos as afinidades, verificamos como sobre o texto camoniano (por ele sugestionado) tece o pregador o seu discurso, incorporando com *leggerezza*¹³³ fragmentos em novo contexto, copiando léxico e ritmos interiorizados enquanto avança por distintos territórios semânticos. Nos *Sermoens*, condenam-se as palavras «fracas e frias»¹³⁴, «sem força, sem eficácia, sem energia, sem alma»¹³⁵, e o jesuíta deleita-se com o fulgor da «graça», da «elegância», da «subtileza», da «força» – grande, admirável, tremenda, estupenda¹³⁶. Devia sentir esse brilho em versos de Luís Vaz, e estas qualidades prender-lhe-iam a memória, incitando-o a um mimetismo tanto mais significativo quanto muitas vezes levado a cabo com gritantes clivagens entre hipo e hipertexto¹³⁷; um mimetismo livre e nunca assumido – nem pela menção de qualquer fonte, nem por itálicos acusando texto alheio no impresso, nem por cotas que disso forneçam pista.

Velada e intensa, vizinha e distante – tal é a contraditória relação que, enquanto pregador, Vieira mantém com a lírica camoniana. A ela recorre no seu labor de romancear, expandir ou glosar texto da Escritura, mas se por vezes chegam a parecer suspensas as fronteiras entre poesia e Bíblia (na medida em que a paráfrase desta é permeável à primeira), a dissolução não é radical. Por exemplo, o exercício dialógico produzido num trecho do *Sermão nas Exéquias de D. Maria de Ataíde* serve para erguer uma barreira que Vieira julgaria necessária, abraçando assim propósitos como os que fr. Luís de Granada explicara «al cristiano lector»: «Costumbre ha sido siempre en la iglesia de todos los ministros de la palabra

¹³¹ P.e António VIEIRA, *Sermão I do Rosário*, in *Serões*, X, 284.

¹³² P.e António VIEIRA, *Sermão da Terceira Domingo do Advento*, in *Serões*. I, 240.

¹³³ Uso a palavra lembrando o seu uso por Ítalo Calvino: não apenas para sugerir «che esiste una leggerezza della pensosità», pela agilidade conseguida no estabelecimento de nexos conceptuais, mas igualmente para significar que «la leggerezza è qualcosa che si crea nella scrittura, con i mezzi linguistici» (*Lezioni Americane. Sei proposte per il prossimo millenio*. Milano, 1993, 14-15).

¹³⁴ P. António VIEIRA, *Exortação primeira Em véspera do Espírito Santo*, in *Serões*. V, 394.

¹³⁵ *Sermão de Santo António*, in *Serões*. VII, 197.

¹³⁶ Uso termos do *Sermão das Obras de Misericórdia à Irmandade do mesmo Nome*: «Palavras sobre todo encarecimento grandes, admiráveis, estupendas, tremendas, e que se não foram do mesmo Deus, não se puderam crer!» (P.e António VIEIRA, *Serões*, XIV, 73).

¹³⁷ Ver Gérard GENETTE, *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris, 1982.

de Dios acudir con su doctrina a las necesidades espirituales de ella. Y de aquí procedieron tantos libros, que en diversos tiempos se han escrito contra diversas herejías, y otros que trataron de la divina providencia contra los que (viendo las calamidades y desórdenes de la vida humana) la negaron. Y no sólo con sus escrituras, sino mucho más con la doctrina de sus sermones procuraron ocurrir a estas necesidades, alumbrando, y desengañando a la gente de poco saber»¹³⁸. Comparemos:

<p>«Deu ocasião a esta sentença de Cristo uma queixa piedosa, mas tão atrevida, que chegou a lhe tocar ao Senhor, não menos que no atributo de sua providência: <i>Domine, non est tibi curae?</i> Senhor, não tendes cuidado? Casos sucedem no mundo que parece se descuida Deus do governo dele e se alguns são à nossa admiração maiores motivos, são os da vida e da morte. Esta admiração introduziu no juízo dos homens o erro de fados e de fortuna, que se bem entre nós perderam a divindade, ainda conservam os nomes. Se repararmos com atenção, quem vive neste mundo e quem morre, é necessária muita fé para crer que há providência. Todo o motivo desta queixa de Marta, foi ver que a deixara Maria, e que estava com Deus. Tal é o motivo que temos presente, mas com maiores circunstâncias de dor (não sei se diga de sem-razão) e assim havemos de ouvir hoje mais queixas.»^{138a}</p>	<p>«Correm turvas as águas deste rio, que as do Céu e as do monte as enturbaram; os campos florecidos se secaram, intratável se fez o vale, e frio.</p> <p>Passou o verão, passou o ardente estio, úas cousas por outras se trocaram; os fementidos Fados já deixaram do mundo o regimento, ou desvario.</p> <p>Tem o tempo sua ordem já sabida; o mundo não; mas anda tão confuso que parece que dele Deus se esquece.</p> <p>Casos, opinião, natura e uso fazem que nos pareça desta vida que não há nela mais que o que parece.»^{138b}</p>
--	--

De relance, o intertexto resume-se à pergunta evangélica, citada e traduzida («*Domine, non est tibi curae?*»). Na verdade, porém, a *amplificatio* sobre ela travejada retoma a meditação que flui no soneto «Correm turvas as águas deste rio». É tentador admitir que Vieira aduz essa «queixa [...] tão atrevida» enquanto expressão perfeita da medular perplexidade humana perante o mistério da morte (e era jovem, D. Maria de Ataíde¹³⁹), elegendo-a como alvo de refutação. Bastaria

¹³⁸ *Sermon en que se da aviso, que en las caydas publicas de algunas personas, ni se pierda el credito de la virtud delos buenos, ni cesse, y se entibie el buen proposito delos flacos. Compuesto por el Reverendo P.M. Fray Luys de Granada dela Orden de S. Domingo.* En Lisboa, Impresso con licencia en casa de Antonio Ribero, 1589.

^{138a} P.e António VIEIRA, *Sermão nas Exéquias de D. Maria de Ataíde*, in *Sermões*. XV, 389-390.

^{138b} Luís de Camões, *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Coimbra, 1973, 168.

¹³⁹ Ver *Memorias Funebres. Sentidas pellos ingenhos Portugueses, na morte da senhora Dona Maria*

confrontar este passo com outros, de autores religiosos do mesmo período¹⁴⁰, ou com reacções críticas a «impiedades» camonianas¹⁴¹, para percebermos quão

de Atayde. Lisboa, Oficina Craesbeckiana, 1650.

¹⁴⁰ Veja-se, a título de exemplo, o reparo que fr. João Cardoso deixa na dedicatória que endereça a D. Afonso de Noronha: «Não falo em fortuna como a tomam os Étnicos fazendo-a divindade escondida: *Occultum aliquod numen, a quo ii adventus proveniant*. Porque este desatino é reprovado do grande P. S. August. lib. 4 de civit. cap. 18, Lact. lib. 3, cap. 28 e de outros muitos. Nem também como a tomam os Estóicos por ùa série e ordem de causas, produzindo certos efeitos com ùa inevitável necessidade, dizendo serem estas causas as influências das estrelas, as horas dos Planetas, os climas das terras e as entranhas maternas; o que tudo junto causava aqueles efeitos, porque isto é erro na fê, é herética doutrina, como advertiu o mesmo S. August. lib. 1 retrac. c.1 e todos universalmente. Nem também que esteja o homem sujeito a estrelas fatais, que foi o erro dos Priscilianistas, contra o qual está um decreto do Concil. Brachar. 1 cap. 1 *Si quis animas, & corpora humana fatalibus stellis credit astringi, sicut pagani, & Priscillianus dixerunt Anathema sit*. O mesmo refuta Leão I epist. 91, mas falo da ventura, ou fortuna, como catolicamente se há-de falar; a qual não é outra coisa senão ùa disposição nas cousas movíveis, pola qual a divina providência vai dispendo e ordenando todas e seus efeitos, não sucedendo cousa algũa nesta amplíssima República das criaturas que não seja ordenada, mandada, ou permitida do sumo Imperador Deus, como o ensina o grande P. S. August. lib. 3 de Trinit. cap. 4 [...]» (*Ruth Peregrina, seus Sucessos, e Boa Ventura, Moralizada sobre a Letra do sagrado Texto, & sua historia*. [...] Composto polo P. Fr. Joam Cardoso, da Ordem do Seraphico P. S. Francisco da regular observancia, da Provincia dos Algarves, Reyno de Portugal, natural de Portalegre; Revedor, & Calificador do Tribunal do S. Officio de Lisboa; & Examinador das Ordens Militares por S. Magestade. Lisboa, Geraldo da Vinha, 1628). O próprio Vieira, em textos produzidos para sua defesa diante do Santo Officio, insistiu, sobre o poder de Deus: «sua providência, omnipotência e justiça é o que dá e tira os Reinos, e não o caso, o fado, ou a fortuna» (Antônio VIEIRA, *Apologia das Coisas Profetizadas*. Organização e Fixação do Texto de Adma Fadol Muhana, Lisboa, 1994, 12).

¹⁴¹ «Les Portugais ont l'esprit vif, ils pensent hardiment, & leurs expressions égalent assez bien la justesse de leurs idées. Il se trouve chez eux de bons Phisiciens, & bons Casuistes. Le célèbre *Camoens* était, sans contredit, un des plus illustres Citoyens du Parnasse. La fécondité de ses belles pensées, le choix de ses paroles, & l'air poli & dégagé avec lequel il a parlé, ont charmé tous ceux à qui la Langue Portugaise est assez familière. Il est vray qu'il a eû le malheur d'avoir été brocardé par *Moreri* & par quelques Auteurs Espagnols, lesquels n'ayant pû s'empêcher d'avouer qu'il n'est pas permis d'avoir plus d'esprit que ce Poëte infortuné, l'ont traité d'incrédule & de profane. Un Moine Catalan se récrie sur cent endroits de ses *Luziadas Endechas Estrivillas &c* en le traitant d'impie & d'évaporé. J'en citerai deux icy. Le premier est la chute d'un sonnet intitulé *soneto Não impresso*, où il dit, aprez quelques réflexions : *Mais o melhor de tudo e crer en Christo*. C'est à dire aprez tout le plus seur est de croire en Christ. Le seconde est aussi la fin d'une *Gloza* ; le voici. *Si Deus se Busca no mundo nesses olhos se achara*. Cela veut dire parlant à une Dame; *si l'on cherche Dieu dans le monde, on le trouvera dans vos yeux.* » (*Estrangeiros em Portugal*. III. *Dialogues de Monsieur le Baron de Lahontan et D'un sauvage dans l'Amerique. Contenant une description exacte des mœurs & des coutumes de ces Peuples Sauvages. Avec les Voyages du meme en Portugal & en Danemarc, dans lesquels on trouve des particularitez très curieuses, & qu'ont n'avoit point encore remarquées. Le tout enrichi de Cartes & de Figures. A Amsterdam, chez la Veuve de Boeteman, etc. M.DCCIV 12^o gr. de XVI s.n 222, pag. fig. et cartes, título vermelho e preto, in Boletim de Bibliografia Portuguesa. 1^o/11 (Novembro de 1879), 184-185). O relato da viagem a Portugal está datado de 1694.*

melindroso é o terreno que o jesuíta pisa¹⁴². Audácia de pregador barroco? Vieira arrisca para enfatizar a sua mestria oratória¹⁴³. Aqui, a concessão («é necessária muita fê para crer que há Providência») constitui tão-somente o primeiro acto, a que se sobreporá a revelação de outro modo de olhar a existência e de lhe descobrir o sentido. O rumo do discurso indica que, prezado como poeta, Camões valeria igualmente como interlocutor a dominar num plano ideológico, e não se imagina melhor reconhecimento da força do seu canto. Mas a luta de Vieira é tácita: no que respeita aos laços com a lírica camoniana, dissimular é regra.

«Como bem disse o nosso Homero»

Vieira imprime mais clareza aos vínculos com *Os Lusíadas*, e nada haverá de aleatório em tal diferença, respaldada por critérios genológicos, estéticos, culturais e políticos. O prestígio de que na hierarquia literária classicizante o poema épico usufruía, duplicava, em Portugal, pelo êxito da obra de Camões, que viera satisfazer um longo desejo de celebração – acima de tudo, da gesta da expansão e da edificação imperial. Ora, se como «escuela de energía y patriotismo»¹⁴⁴ haviam *Os Lusíadas* sido aclamados desde o início (e mais acentuada essa dimensão se vovera, quer nas seis décadas de reinado dos Filipes quer na época da Restauração), como obra carismática terão seduzido até a Companhia. As investigações conduzidas por Domingos Maurício S.I. e por João Pereira Gomes S.I. não consentem dúvidas sobre a difusão de que *Os Lusíadas* gozaram nas escolas jesuítas, por iniciativa dos mestres, dotados de alguma licença de opção sobre textos de exemplo ou de doutrina¹⁴⁵, e afigura-se crível o rumor veiculado por Manuel de Faria e Sousa: a

¹⁴² Importa notar que o soneto camoniano só a partir da edição de 1616 foi incluído nas *Rimas*. Questões como estas, com toda a angústia existencial que se lhes associa, Camões tê-las-á explorado numa versão manuscrita d' *Os Lusíadas*. Ali, no final do canto VI, espraiava-se uma lacerante desconfiança sobre a ordem do mundo: «Mas quem me diz que virtudes, ou pecados/sobem baxos, e abaxam os subidos,/ que me dirá, se os maus vir sublimados?/Que me dirá, se os bons vir abatidos?/Se alguém me diz que nagem destinados,/parece razão áspera aos ouvidos,/que se eu nasci obrigado a meu destino,/Que mais me vale ser santo ou ser malino?» (Ap. Valeria TOCCO, *A Lira Destemperada. Sobre a Tradição Manuscrita de Os Lusíadas*. Bari, 2005, 72). Significativamente, esta oitava e as que a acompanhavam foram suprimidas na versão definitiva do poema épico, impressa em 1572.

¹⁴³ Lembremos palavras do *Sermão do Felicíssimo Nascimento da Sereníssima Infanta Teresa Francisca Josefa*: «Falo confiadamente; porque bem sabem os ouvintes, que é artificio nosso afeiar a dificuldade, para fazer mais formosa a solução.» (Pe António VIEIRA, *Sermões*. XV, 159).

¹⁴⁴ Eugenio ASENSIO, *Los «Lusíadas» y las «Rimas» de Camões en la poesía española (1580-1640)*, in E. ASENSIO e José V. de Pina MARTINS, *Luis de Camões. El Humanismo en su Obra Poética. Los Lusíadas y las Rimas en la Poesía Española (1580-1640)*, Paris, 1982, 74.

¹⁴⁵ Ver Domingos MAURÍCIO, *Os Jesuítas e Camões (1589-1746)*, in *Broteria*, X/4, (1930), 226-237;

edição de 1584 seria «otra que dizem se hizo por orden de los Padres jesuítas, muy viçada, porque le trocaron estancias por otras y alteraron en algunas.»¹⁴⁶

Entre as particularidades desta edição (*ad usum delphini?*¹⁴⁷), uma, em especial, concorre para acreditar a fama captada por Faria e Sousa. De facto, elidiu-se ali «matéria perigosa» como a apóstrofe da estância 119 do canto X, dirigida aos «mandados de Deus» (sinónimo de apóstolos... Apelido dos jesuítas...¹⁴⁸):

«E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes pregar a santa Fé?
Olhai que, se sois Sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?»¹⁴⁹

Obliterado na edição de 1584 (e na de 1591), este trecho voltou a ser incluído n' *Os Lusíadas*, e sobre ele se afadigaram comentadores como Manuel Correia e Manuel de Faria e Sousa, que quiseram reabilitá-lo¹⁵⁰ garantindo que a interpretação da estrofe como um ataque aos jesuítas não passava de

João Pereira GOMES, *Camões nas escolas jesuíticas do século XVIII*, in *Bracara Augusta*, XXVIII/65-66 (77-78) (1974), 160-178.

¹⁴⁶ Luís de CAMÕES, *Lusíadas. Comentadas por Manuel de Faria e Sousa*. Reprodução fac-similada pela edição de 1639, Lisboa, 1972, canto X, col. 546. Sobre este comentário, veja-se a informação reunida por Eugenio Asensio (Eugenio ASENSIO, *Los «Lusíadas» y las «Rimas» de Camões en la poesía española (1580-1640)*, ed. cit., 54-55).

¹⁴⁷ Esta hipótese, formulou-a Eugenio Asensio, associando-a à informação transmitida por Manuel de Faria e Sousa. Sheila Moura Hue prefere sugerir que quer a edição de 1584 quer a de 1591 beneficiaram de outros patrocínios. Em relação a esta última, assinala: «Houve [...] um atento trabalho na reestruturação e reescrita das notas, e tais mudanças não foram motivo para que se levasse o livro novamente à aprovação da Santa Inquisição, pois as licenças são as mesmas de 1584; o que demonstra que a «reedição» da edição «dos piscos» estava sendo feita sob as asas da instituição responsável pela censura aos livros.» (Sheila Moura HUE, *Os Lusíadas comentados. Leitores e leituras em 1584, 1591 e 1613*, in *Santa Barbara Portuguese Studies [Luiz Vaz de Camões revisitado]*, VII (2003), 125).

¹⁴⁸ Ver P.e António VIEIRA, *Sermão do Felicíssimo Nascimento da Sereníssima Infanta Teresa Francisca Josefa*, in *Sermões*. XV, 172.

¹⁴⁹ *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Leitura, Prefácio e Notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, 1989, 276.

¹⁵⁰ A estrofe inteira desaparece e o verso inicial da oitava seguinte sofre uma hábil alteração: «Mas passo esta matéria gloriosa»... (*Os Lusíadas de Luís de Camões. Agora de novo impresso, com algúas Anotações, de diversos Autores*. Lisboa, Manoel de Lyra, 1584, f. 259).

uma «calúnia»¹⁵¹ endereçada a Camões. Quer dizer: rasurada ou reavaliada (neutralizada), a «matéria perigosa» já não devia constituir pedra de escândalo para um religioso como Vieira, que, aliás, se fez arauto de inquietações similares¹⁵². Ainda assim, em sermões como o da *Sexagésima*, de 1655, poderá ter procedido à sua sibilina refutação, ao preencher todo o capítulo I com a apologia da missionação (muitos passos, pouco ou nenhum paço...) protagonizada pelos membros da Companhia.

Mera hipótese. Certo é que Vieira ligou a épica camoniana à celebração de Santo Inácio e de S. Francisco Xavier: tópicos da epopeia¹⁵³ dinamizam o retrato proselitista do fundador; mapas como os que se debuxam n' *Os Lusíadas* (cantos V ou X) influenciam a pintura verbal da viagem de S. Francisco rumo ao Oriente¹⁵⁴; paralelismos como os que Camões exhibe no canto I, ostentando o mérito dos heróis lusos, são ajustados ao louvor do «famoso capitão»¹⁵⁵; citações d' *Os Lusíadas* assomam, sem disfarce, em *Xavier Dormindo*, e *Xavier Acordado*, ou são até realçadas pelo itálico, na impressão original: «Quais são as naus do mar no princípio, senão as naus dos Portugueses, que foram as que deram princípio à navegação do Oceano, e por mares nunca dantes navegados passaram ainda além da Taprobana, que são manifestamente as ilhas do arquipélago índico, que esperavam»¹⁵⁶; «tomadas as medidas do nosso gigante da Índia, lhe podemos bem cantar com o poeta também indiático: *As verdadeiras vossas são tamanhas./Que*

¹⁵¹ *Os Lusíadas do Grande Luis de Camoens Principe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Elvas.* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1613, f. 297v.

¹⁵² «E que direi dos que por profissão e instituto ou por outras obrigações que ainda podem ser maiores, depois de terem ouvido da boca de Cristo a quem têm por Deus: *Euntes in mundum uniuersum praedicate Evangelium omni creaturae*, por não deixar a pátria, nem as cortes, e por não ter valor como Jonas, para trocar os aplausos vãos de Jerusalém pela pregação tão importante de Nínive, nem as pegadas dos pés de Xavier lhe excitem os passos, nem os ecos das suas vozes o silêncio da língua, mas como estátuas mudas, imóveis, e sem alma, nem se doam ao longe de ver perder tantas, nem ao perto, e dentro em si, temam a condenação da sua?» (P.e António VIEIRA, *Sermão Undécimo. Do seu Dia*, in *Sermões*. XIV, 35).

¹⁵³ «Lia finalmente as vidas e as perseguições dos Apóstolos, e soando-lhe melhor que tudo aos ouvidos as trombetas do Evangelho, toma por empresa a conquista de todo o mundo, para dilatar a Fé, para o sujeitar à Igreja, e para levantar novo edifício sobre os alicerces e ruínas do que eles tinham fundado. Isto era o que Inácio ia lendo; e isto o que juntamente ia trasladando em si e imprimindo dentro na alma.» (*Sermão de Santo Inácio*, in *Sermões*. VII, 415).

¹⁵⁴ P.e António VIEIRA, *Sermão Primeiro – Anjo – Xavier Acordado*, in *Sermões*. XIII, 172-173.

¹⁵⁵ P.e António VIEIRA, *Sermão Décimo – Da sua Canonização – Xavier Acordado*, in *Sermões*. XIII, 390.

¹⁵⁶ P.e António VIEIRA, *Sermão Décimo – Da sua Canonização – Xavier Acordado*, in *Sermões*. XIII, 395-396.

*excedem as sonhadas, fabulosas.»*¹⁵⁷. O «poeta indiático» é posto ao serviço quer da exaltação de Inácio de Loyola quer do panegírico do apóstolo da Ásia.

Saiu em 1694, a série *Xavier dormindo, e Xavier Acordado*, agregando quinze serões nunca proferidos¹⁵⁸. Antes deles, e depois, porém, desde as primeiras até às últimas intervenções do pregador (*i.e.*, desde c. 1639 até 1695), a lembrança da epopeia vai espreitando em prédicas e discursos pronunciados em espaços e perante públicos diversos: o auditório da Capela Real, as religiosas de Odivelas, os companheiros de uma viagem marítima, ouvintes da Baía, a aristocracia romana. Vieira cultiva a relação com o poema, e é digna de menção a amplitude do seu olhar sobre *Os Lusíadas*.¹⁵⁹

Por um lado, o pregador salienta trechos dispersos como objecto de paráfrase ou de citação, forrageando nos cantos I, III, IV, V, VII, IX, X; por outro, a sua escolha não se reduz a (nem sequer privilegia) frases sentenciosas ou aforísticas, autonomizáveis em qualquer *vademecum*¹⁶⁰. Vieira recorta, sim,

¹⁵⁷ Pe António VIEIRA, *Sonho Primeiro – Xavier Dormindo*, in *Serões*. XIII, 72.

¹⁵⁸ *Xavier Dormindo, e Xavier Acordado: Dormindo, em três Orações Panegyricas no Triduo da sua Festa, Dedicadas aos tres Principes que A Rainha Nossa Senhora Confessa dever à intercessão do mesmo Santo, Acordado, Em doze Sermoens Panegyricos, Moraes, & Asceticos, os nove da sua Novena, o decimo da sua Canonização, o undecimo do seu dia, o ultimo do seu Patrocínio, Author o Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prêgador de Sua Magestade. Oitava Parte*. Lisboa, Miguel Deslandes, 1694 («Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real»).

¹⁵⁹ Vem a propósito uma carta, datada de 6 de Julho de 1648, e remetida de Haia ao Marquês de Nisa: «Estimei de ver a última oitava de Camões, a brevidade foi incrível, a obra será rara, nem poderá V. Ex.a pagar de outra maneira a Camões o que os Gamas lhe deviam.» Como observou Hans Flasche, é firme o comentário de Vieira à tradução latina preparada por frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Para lá do juízo geral, todavia, sobressai – em nada despicienda – uma ideia rigorosa das críticas endereçadas ao Gama «e a quem na estirpe seu se chama», no termo do canto V (*Cartas do P.e António Vieira*. I, 227-228). Importa notar que o comentário feito nesta carta poderá ser eco ou continuação de referências laudatórias acerca de «papéis do reverendo Padre frei Francisco», já contidas noutra missiva ao mesmo destinatário: «pude até agora ler só o dos versos, que eram merecedores de se imprimirem em bronze, como as imagens que descrevem. Não vi nem creio que é possível cousa melhor, e bem sabe V. Ex.a que não sei lisonjear.» (*Cartas do Padre António Vieira*. I, 153. A carta está datada de 27 de Janeiro de 1648). Ainda a *Os Lusíadas* (*maxime*, ao seu final) parece aludir Vieira, ao escrever, a 24 de Junho de 1683, ao Marquês de Gouveia: «Todos os autores das mais famosas nações do mundo, escrevendo da sua, as notam da inveja, que por ser vício primogénito da altiveza e da generosidade, entenderam que não desdouravam muito com ele as mesmas nações. Assim o fizeram gregos e romanos, e nos espanhóis e portugueses se lêem sem repreensão semelhantes exemplos.» (*Cartas do Padre António Vieira*. III, 475).

¹⁶⁰ A inserção de frases axiomáticas não só fazia parte dos códigos de escrita, como condicionava as expectativas do leitor. Sobre o valor e o lugar das sentenças, lavrava um debate intenso, desde o século XVI: uma discussão poética, *lato sensu*, já que a gêneros múltiplos se estendia a questão. Das *Décadas* de João de Barros, por exemplo, Fernando Alvía de Castro compendiou um volume leve, *Aphorismos y exemplos politicos, y militares. Sacados de la Primera Decada de Juan de Barros*

conceitos¹⁶¹; explora imagens maravilhosas, proporções, dificuldades, ao sabor do gosto barroco propalado em obras como *Agudeza y arte de ingenio*, de Baltasar Gracián. Sem dúvida, é o cuidado com a *elocutio* que fomenta a inclusão, directa ou indirecta, de versos camonianos nos sermões, mas nem por isso os fragmentos escolhidos se reificam, confinados a uma função ornamental simplesmente ancilar¹⁶². Pelo contrário, a sua aplicação espera, se não exige, a cumplicidade do receptor, e eles valem como parte de um todo a que o pregador alude, em prol do seu próprio discurso.

Observemos alguns exemplos. Num passo do *Sermão da Visitação*, em que se compara o Brasil com Lázaro e o Marquês de Montalvão, vice-rei, com Cristo -, ressalta, único na sua *vis* paródica, o emprego que Vieira faz de um sintagma do episódio de Inês de Castro: «Morto está o Brasil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cobertas de cinzas essas campanhas. É verdade que nunca se viu esta província tão autorizada como agora, mas podem-lhe servir os títulos de epitáfios, pois a vemos levantada a Vice-Reino entre as mortalhas, bem se pode dizer por ela também: Que depois de ser morta foi rainha.»¹⁶³. A ironia enfatiza aqui um efeito de desproporção: no poema camoniano, aquele verso, com toda a sua bizarria, significa a honra de que foi cumulada Inês, heroína de um amor excepcional, não aniquilado pela morte; no sermão de Vieira, as mesmas palavras agravam o fosso entre a realidade de um Brasil agónico e a vanidade do título – em tais condições, deslocado e artificial. De Inês morta a um Brasil-Lázaro morto, o salto parece fácil, para a destreza conceptista de Vieira. E no cruzamento do texto sagrado com o profano, mais do que um inesperado – e saboroso – contraste, acha o pregador valhacouto para desferir uma acutilante crítica política.

Pode Vieira citar ou proceder à imitação de um esquema discursivo, seja em tom eufórico, afim do que agita o preâmbulo da epopeia («Cale-se logo toda a presunção humana; emudeçam arbítrios e discursos fáceis de escrever mas

(Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1621). D' *Os Lusíadas* de Camões não se preparou recolha idêntica, pelo menos impressa; ao invés, a história do livro leva a crer que o poema se vulgarizou, copiosamente difundido na sua totalidade, fosse pelas edições de bolso que Lourenço Craesbeeck, com habilidade tipográfica e magnífico faro de comerciante lançou, fosse nas edições com notas e comentários, como cedo se entendeu conveniente na difusão de uma obra exigente e complexa.

¹⁶¹ A imitação de conceitos pode constituir um relevante factor de ligação entre obras e autores (Ver Adma MUHANA, *O Prosopopéia de Bento Teixeira: epopéia de derrotas*, in *Retórica. Actas do I Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 28 de Março a 1 de Abril de 2005*. Coordenação de Ângela Correia e Cristina Sobral, Lisboa, 2005).

¹⁶² Sobre o trabalho de citação, veja-se o estudo de Antoine COMPAGNON, *La seconde main ou le travail de la citation*, Paris, 1979.

¹⁶³ P.e António VIEIRA, *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*, in *Sermões*. IX, 328-329.

impossíveis de executar: e nós, desenganados e convencidos pela evidência dos olhos, conheçamos e confessemos que só do Céu nos pode vir o certo e infalível remédio»¹⁶⁴), seja encenando, para logo lhe contrapor um messianismo álaque, a melancólica subjectividade que perturba o derradeiro canto do poema («Mas aonde caminha este meu discurso?»¹⁶⁵). Todavia, é sobremaneira graças ao trabalho de *contaminatio* que o jesuíta intensifica a veemência argumentativa. Assim acontece num dos seus mais impressionantes sermões: o que concebeu na Baía, em 1640, *pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*.

Ali, ao simular, mercê da *sermocinatio*, uma interpelação a Deus, Vieira encarece o Brasil embutindo no seu elogio termos com os quais n' *Os Lusíadas* se canta a edificação, pelos «barões assinalados», do «novo reino que tanto sublimaram». Insinua, esta transferência, uma comunhão histórica entre África, Oriente e Brasil (todos três, eixos do Império), e um sopro épico vivifica a invectiva, dirigida, com dramático arrojo, a um Deus ideado segundo padrões veterotestamentários¹⁶⁶:

«Tirais também o Brasil aos Portugueses, que assim estas terras vastísimas, como as remotíssimas do Oriente, as conquistaram à custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa fê (que esse era o zelo daqueles cristianíssimos reis) que por amplificar e estender seu império. Assim fostes servido que entrássemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permitis que saíamos agora (quem tal imaginara de vossa bondade), com tanta afronta e ignomínia! Oh como receio que não falte quem diga o que diziam os Egípcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret, et deleteret et terra*. Que a larga mão com que nos destes tantos domínios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fora e longe de nossa pátria nos matardes, nos destruídes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fruto de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão ilustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não

¹⁶⁴ P.e António VIEIRA, *Sermão XII do Rosário, in Sermões*. XI, 214. Lembremos *Os Lusíadas*, canto I, estrofe 3.

¹⁶⁵ P.e António VIEIRA, *Sermão de Acção de graças pelo felicíssimo nascimento do novo infante de que a Majestade Divina fez mercê às de Portugal em 15 de Março de 1695, in Sermões*. XV, 104. As palavras de Vieira retomam as da estrofe 9 do canto X d' *Os Lusíadas* ou o final da canção X.

¹⁶⁶ Ver António José SARAIVA, *O pregador, Deus e o seu povo na Bahia em 1640: estudo do Sermão pela Vitória de Nossas Armas contra as dos Holandeses, in O Discurso Engenhoso. Ensaio sobre Vieira*. Lisboa, 1996, 111-137.

conhecidos? Para que contrastámos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas há baixio no Oceano que não esteja infamado com miserabilísimos naufrágios de portugueses? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhámos, as hajamos de perder assim! Oh quanto melhor nos fora nunca conseguir nem intentar tais empresas!»¹⁶⁷

Escorada na antítese entre passado e presente, entre glória e declínio, entre heroísmo e fracasso, esta tirada, por entre referências bíblicas, fervilha de alusões a *Os Lusíadas*. E se nem falta uma citação do poema («os mares nunca dantes navegados»), uma análise pormenorizada revela a origem vária dos elementos investidos: Vieira miscigena expressões do intróito e do fecho do canto I, mas também das oitavas inaugurais do canto V ou de estrofes do canto X. Em suma: ao fôlego sagrado quadra o sopro poético; falando como personagem bíblica, o jesuíta faz igualmente sua a palavra de Camões. E que esta solução lhe era grata, mostra-o o *Sermão pelo bom sucesso de nossas armas*, onde, sem atingir o extraordinário *pathos* da pregação baiana¹⁶⁸, cabe apóstrofe análoga.

De acordo com a recepção prevalecente em seu tempo (notou já Maria Lucília Pires¹⁶⁹), Vieira terá encontrado n' *Os Lusíadas* uma leitura da história de Portugal – uma leitura providencialista do sentido dessa história, sacralizada ou glorificada; uma leitura na qual se reviu ou conciliou com a sua especulação. É o que sucede nos alvissareiros textos estampados na *Palavra de Deos* (1690)¹⁷⁰, quando, para exaltar o Quinto Império, o jesuíta anuncia um «príncipe fatal»¹⁷¹,

¹⁶⁷ P.e António VIEIRA, *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, in *Sermões*. XIV, 309-310.

¹⁶⁸ «Ponde os olhos, Senhor dos exércitos, no nosso exército; e lembrai-vos que todo é daqueles Portugueses, que no mesmo testamento escolheste para conquistadores de vossa Fé, e para debaixo de suas armas levarem vosso santíssimo nome às gentes tão remotas e estranhas que antes de nós o não conheciam: *Ut portent nomen meum in exteris nationes.*» (P.e António VIEIRA, *Sermões*, XIV, 355).

¹⁶⁹ Ver Maria Lucília Gonçalves PIRES, *A crítica camoniana no século XVII*. Lisboa, 1982.

¹⁷⁰ *Palavra de Deos Empenhada E Desempenhada: Empenhada no Sermam das Exequias da Rainha N. S. Dona Maria Francisca Isabel de Saboya; Desempenhada no Sermam de Açcam de Graças pelo nascimento do Principe D. João Primogenito de SS. Magestades, que Deos guarde. Pregou hum, & outro o P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prêgador de S. Magestade: O primeyro. Na Igreja da Misericórdia da Bahia, em 11. de Setembro, anno de 1684. O segundo Na Cathedral da mesma Cidade, em 16 de Dezembro, anno de 1688*. Lisboa, Na Oficina de Miguel Deslandes, Impressor de S. Magestade, 1690 («Com todas as licenças necessárias»).

¹⁷¹ P.e António VIEIRA, *Sermão de acção de graças pelo nascimento do principe D. João, primogénito*

um «fatal menino»¹⁷² – como D. Sebastião fora saudado por Camões como a «meravilha fatal de nossa idade,/Dada ao mundo por Deus, que todo o mande/, para do mundo a Deus dar parte grande.»¹⁷³ Ou, com assiduidade, desde o início da sua carreira, quando em causa estão valores nacionais: a aventura de descoberta de «novas terras, novos mares, novos climas, novos céus, novas estrelas»¹⁷⁴, a navegação «por mares nunca dantes navegados»¹⁷⁵, a capacidade de realização dos portugueses, poucos quanto fortes (em paragens remotas ou fronteiriças)¹⁷⁶, a fidelidade ao rei¹⁷⁷. Esta era matéria também das crónicas, e se o rasto da historiografia atravessa, iniludível, a parenética vieiriana, na imagem que o jesuíta reteve de algumas figuras heróicas poderá ter pesado, especialmente, a indignação de sentenças justiceiras de Camões¹⁷⁸.

de SS. *Majestades que Deus guarde*, in *Sermões*. XV, 202.

¹⁷² P.e António VIEIRA, *Sermão de acção de graças pelo nascimento do príncipe D. João, primogénito de SS. Majestades que Deus guarde*, in *Sermões*. XV, 203.

¹⁷³ *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Leitura, Prefácio e Notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. ed. cit., 2 (I, 6).

¹⁷⁴ P.e António VIEIRA, *Sermão da Epifania*, in *Sermões*. II, 7.

¹⁷⁵ Recordemos ainda dois trechos do *Sermão da Epifania*, onde consabidos tópicos camonianos são ajustados à exaltação das Índias Ocidentais: «Começaram a dividir as águas nunca dantes cortadas, com as aventurosas proas dos seus primeiros lenhos»; «Isto é o que fizeram os primeiros Argonautas de Portugal nas suas tão bem afortunadas conquistas do Novo Mundo, e por isso bem afortunados. Este é o fim para que Deus entre todas as nações escolheu a nossa com o ilustre nome de pura na Fé e amada pela piedade: estas são as gentes estranhas e remotas aonde nos prometeu que havíamos de levar seu Santíssimo Nome: este é o império seu, que por nós quis amplificar e estabelecer, e esta é, foi e será sempre a maior e melhor glória do valor, do zelo, da religião e cristandade portuguesa.» (P.e António VIEIRA, *Sermões*, II, 9 e 10, respectivamente).

¹⁷⁶ «Mas como o invisível braço de Deus governava a guerra, e nos impossíveis da nossa fraqueza queria justificar os méritos de sua glória, antes de se cerrarem as quatro horas contínuas daquela desigual batalha, estavam tão trocadas as mãos que já os alfanjes holandeses pelejavam da nossa parte, e as clavinas que eles carregaram contra nós, nós as descarregávamos neles venturosamente. Ora pelejai, pelejai, poucos mas valerosos portugueses, pelejai e vencei animosamente, que ainda Deus é por nós.» (P.e António VIEIRA, *Sermão de dia de Reis*, in *Sermões*, II, 75-76). O louvor dos «Portugueses, poucos quanto fortes» pode ler-se n' *Os Lusíadas*, VII, 3.

¹⁷⁷ «Há maior fineza? Há maior constância? Há maior fidelidade? Portuguesa, enfim.» (*Sermão da Visitação de Nossa Senhora* (P.e António VIEIRA, *Sermões*, IX, 341). Coteje-se este passo com *Os Lusíadas*, III, 41.

¹⁷⁸ Camões, a partir de informação transmitida por narrativas como as de Barros, Castanheda e Góis, vincara, perante a sorte mesquinha da figura de Duarte Pacheco Pereira (Ver *Os Lusíadas*, X, 22-25), uma indignação de que Vieira se faz também arauto: «É se isto sucede aos lumes celestes e imortais; que nos lastimamos, Senhores, de ler os mesmos exemplos nas nossas histórias? Que foi um Afonso de Albuquerque no Oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heróis famosos, senão uns astros e planetas lucidíssimos, que assim como alumiaram com estupendo resplendor aquele glorioso século, assim escureceram todos os passados? [...] Mas depois de voarem nas asas da fama por todo o mundo estes astros, ou indígites da

Tem lugar, essa ligação ao texto épico, em passos onde o pregador trata do mundo, de Portugal, de casos alheios. Por regra, o orador não fala de si – ou não o faz com demora e minúcia. O lirismo, nos *Sermoens*, é parco, como ensinou Margarida Vieira Mendes¹⁷⁹, e por isso sobressai um trecho em que Vieira se detém a comentar, participe, uma viagem marítima¹⁸⁰:

«no meio do mar, como agora estamos, se olharmos em roda para todos os horizontes, parece que o céu por toda a parte se levanta do mar, e que sobre ele estriba e se sustenta. E nota Ezequiel (cousa muito digna de admiração e reparo), que sendo o céu de cristal, olhando para ele, metia medo: *Et similitudo super capita animalium firmamenti, quasi aspectus crystalli horribilis*. Um céu de cristal claro, diáfano e transparente, parece que visto não podia causar horror. Mas diz contudo o profeta que era horrível, e que visto metia medo, porque era céu sobre mar sem se ver outra cousa. E este é o primeiro horror que experimentamos nele os navegantes. Quando nos apartamos da vista da terra, e até as torres e montes mais altos se nos escondem, esta mesma solidão imensa, em que se não vê mais que mar e céu, ainda que o céu esteja limpo e sem nuvem, e tão claro como um cristal, naturalmente causa aquele horror, que por si mesmo se insinua nos corações humanos. Assim o ponderaram sem mais expressão que a da mesma natureza os mais entendidos poetas. Virgílio: *Maria undique, et undique coelum*. Ovídio: *Coelum undique, et undique Pontus*: e o nosso com maior experiência que todos neste mesmo mar: *Não vimos enfim mais, que mar, e céu.*»¹⁸¹

nossa nação, onde foram parar quando chegaram a ela? Um vereis privado com infâmia do governo, outro preso e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do Oceano, encomendando aos ventos levassem à sua pátria as últimas vozes com que dela se despedia: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*» (P.e António VIEIRA, *Sermão de S. António, in Sermões*. VII, 85-86). De inspiração camoniana (*Os Lusíadas*, VIII, 55) poderá ser também um trecho em que Vieira trata da escolha dos conselheiros do rei, enfatizando a diferença entre a esfera religiosa e a profana «Que espíritos soberanos e reais pode influir um professor de tão diferente estado, ainda que seja de grande espírito? Ensinar's o rei a orar, e quando saia grande rezador, para encaminhar o seu reino será cego.» (*Sermão Duodécimo – Da sua Protecção – Xavier Acordado, in Sermões*, XIV, 52)

¹⁷⁹ Margarida Vieira MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, 1989, 249.

¹⁸⁰ Que lhe deu importância, percebe-se também no apontamento arrolado no «*Index das cousas mais notáveis*» do volume VIII dos *Sermoens* («E basta não ver mais que mar e céu para causar horror»). Na *Clavis Prophetarum*, Vieira retomou largamente este tópico (Ver *Clavis Prophetarum.. Chave dos Profetas*. Livro III, Edição crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo segundo projecto iniciado com Margarida Vieira Mendes, Lisboa, 2000, 522-527)

¹⁸¹ P.e António VIEIRA, *Sermão IX do Rosário, in Sermões*. XI, 107-108.

É óbvia a afinidade entre este discurso e o discurso poético camoniano. Vieira engasta o verso épico, e veja-se como: no seguimento de uma menção de Ezequiel e no clube restrito dos «mais entendidos poetas». Colocado na contiguidade do profeta e a par de Virgílio e Ovídio, Camões é, não «o outro»¹⁸² mas «o nosso», e o possessivo, dizendo tudo, por antonomásia, dispensa o nome ou compensa afectivamente a sua ocultação. Mais: no texto d' *Os Lusíadas*, o sujeito de «vimos» é o Gama e os seus companheiros; Vieira utiliza o verso como se na primeira pessoa do plural incluísse Camões, e com o «peregrino vago e errante» se irmana. Trata-se, porém, de um gesto raro nos *Sermoes*.

Alter ego: uma escolha discreta

Lembremos o respeito do jesuíta pelo poeta Sá de Miranda. Com vários textos mirandinos estabelece Vieira o feixe de mediações que Margarida Vieira Mendes estudou enquanto prática de uma «enunciabilidade barroca» – jogos de representação oblíqua, de perspectivismo, de sugestão metamórfica, de engenhosa confusão entre sujeito de enunciação e de enunciado¹⁸³. Por esse meio, logra evidenciar-se: não fala abertamente de si (no que obedece a regras como as que Terrones del Caño enfatizara¹⁸⁴); acaba por fazê-lo (com indústria, confiando na sagacidade hermenêutica do seu receptor, envolvido nesta dificuldade que ludicamente se lhe propõe) a coberto de uma personagem com a qual se identifica.

Nunca é aleatório, esse vínculo: são personagens de santos, de profetas; é a figura de Cristo que o jesuíta prefere como espelho. Mas quando no *Sermão de S. Roque* imita o texto mirandino para falar da acção do santo no qual se revê, funde a sua figura também com a do poeta estóico¹⁸⁵. Diversamente, quando lida com textos camonianos, só de leve algo de similar ocorre: pelos encómios que no *Sermão da Terceira Dominga do Advento* faz a um Jeremias que caracteriza, à maneira de Camões, «em pedaços repartido», Vieira parece louvar-se a si próprio, mas este pormenor é fugaz, e discretíssima, por isso, qualquer conexão metamórfica entre o pregador e a *persona* do poeta.

¹⁸² Tenhamos em conta a advertência que Terrones del Caño lançara («Bastará decir *allá vuestro poeta*, o *el otro*»). Com esta fórmula se alude também, por vezes, no *Jardim da Sagrada Escritura*, a poetas clássicos. E é como o *outro* que, num Sermão, Lourenço Vivas se refere a Camões (Ver João Francisco MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, ed. cit., t. II, 290).

¹⁸³ Margarida Vieira MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, ed. cit., 205-239.

¹⁸⁴ «El predicador nunca ha de tratar de primera persona» (Don Francisco TERRONES DEL CAÑO, *Instrucción de Predicadores*, ed. cit., 80).

¹⁸⁵ Ver, supra, notas 118 e 119.

A imagem de Camões não seria tão recomendável quanto a do doutor Francisco de Sá? Há motivos para formular esta pergunta. Nas cartas, sendo clara a identificação com Sá de Miranda¹⁸⁶ («aquele discreto desenganado»¹⁸⁷), tece-se laço idêntico com Camões: o fecho da esparsa «Os bons vi sempre passar» é adaptado em desafogos partilhados com o Marquês de Gouveia – «Se V. Ex.a e eu, como espero da bondade divina, tivermos esta ventura, pouco importa que só para nós ande o mundo concertado»¹⁸⁸; «Já o correio anda mais concertado, mas só para mim se não emenda o mundo.»¹⁸⁹ Queixas piedosas mas atrevidas, na sua acuidade gnóstica, como as que Camões gravou nos sonetos «Correm turvas as águas deste rio» e «Verdade, Amor, Razão, Merecimento», infiltram-se em epístolas remetidas ao Conde de Castelo Melhor e a Duarte Ribeiro de Macedo: «Acaba V. Ex.a com aquela sentença muito própria do juízo de V. Ex.a: Vou passando o resto da vida contente de não ter de que me descontentar. E eu dela aprendi a lhe acrescentar: E contente de não ter a quem descontentar. Pensão inevitável a quem professa razão, verdade e justiça, em um mundo tão irracional, tão mentiroso e tão injusto»¹⁹⁰; «Tudo neste mundo é mentira, e só verdade crer em Deus e a Deus».¹⁹¹

Que pensar? Em privado, ou no âmbito epistolar (onde se esbate a sombra do canto heróico¹⁹²...), Vieira, «nas experiências da ingratidão [...] autor

186 Decerto a partir dos versos da carta a António Pereira, senhor do Basto («Não me temo de Castela,/donde inda guerra não soa,/mas temo-me de Lisboa,/que ao cheiro desta canela/o Reino nos despoava.»), Vieira escreve: «Não me temo de Castela, temo-me desta canalha.» (*Cartas do Padre António Vieira*. III, 670). A carta, dirigida ao Padre Manuel Luís, está datada de 21 de Julho de 1695.

¹⁸⁷ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 594. A carta, dirigida ao Cônego Francisco Barreto, está datada de 15-7-1690.

¹⁸⁸ *Cartas do Padre António Vieira*. II, 42-43. A carta, dirigida ao Marquês de Gouveia, está datada de 19-3-1664.

¹⁸⁹ *Cartas do Padre António Vieira*. II, 133. A carta, dirigida ao Marquês de Gouveia, está datada de 9-3-1665.

¹⁹⁰ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 627-628. A carta está datada de 5-7-1691.

¹⁹¹ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 118. A carta está datada de 6-11-1674.

¹⁹² Nas cartas, o desenvolvimento de temática política comum aos sermões só raramente encontra expressão em flagrantes jogos de intertextualidade camonianiana. Não que a memória da poesia épica não seja nesses lugares importante: dir-se-ia que paira ali, sem nunca avultar ou adquirir o corpo palpável da citação. Vínculos nítidos com o canto heróico, Vieira parece reservá-los para os géneros maiores. Repare-se, a título de exemplo, no seguinte trecho e na sua discreta similitude com o intróito d' *Os Lusíadas*: «O fim para que Deus fez senhores aos reis de Portugal daquele vastíssimo império foi a dilatação da mesma fê e conversão das gentilidades; e este é o título com que o possuímos, tão conhecido pelos mesmos gentios que, para distinguirem a fê católica da de todas as outras nações cristãs, que lá têm passado da Europa, lhe chamam, não a fê de Cristo, senão a fê dos Portugueses. A esta razão tão gloriosa se acrescenta a do escrúpulo, fundado nas obrigações com que os reis adquiriram o direito que têm às mesmas conquistas, correndo e carregando sobre suas consciências a

clássico»¹⁹³, projecta-se em Camões lírico – no seu desalento, no seu cepticismo acerca da bondade dos homens, no seu desengano da felicidade terrena, na sua mágoa pelas desilusões sofridas em Portugal ou por Portugal. Ao invés, nos *Sermões*, como nos tratados proféticos¹⁹⁴ (i.e. na obra pública, em géneros de mais alta cotação), evita decorosamente fazer de Luís Vaz um *alter ego*, ou só excepcionalmente ensaia essa possibilidade. Sem dúvida, aí, homenageia o épico, admirado que era no século XVII, e a evocação do vate tutelar intensifica, enriquece, impregna de cativante e literária espessura o discurso oratório quando o assunto é Portugal ou o Império. Autor lidando com autores, e buscando acrescida energia¹⁹⁵, Vieira não hesita então em cerzir o seu discurso ao de Camões ou em associar à Escritura a palavra do poeta a quem nos *Sermoens* confere honras e títulos – «o nosso», «o nosso Homero»¹⁹⁶.

conta de tantos milhares de almas, que por sua desatenção se perdem, e perderão sem dúvida todas, se neste extremo perigo se lhes não acode com pronto remédio.» (*Cartas do Padre António Vieira*. III, 516. A carta, dirigida ao Duque de Cadaval, está datada de 20-6-1685).

¹⁹³ *Cartas do Padre António Vieira*. III, 595.

¹⁹⁴ Ecos camonianos, detectam-se no *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, quer valorizando os Portugueses pelas vitórias obtidas contra Castela («sem serem os Portugueses dentes de Cadmo» – 72 –, a lembrar *Os Lusíadas*, VII, 9), quer enaltecendo a aventura de descoberta dos «mares de muito longe» e de «gentes muito remotas» (140), que havia permitido a evangelização à escala ecuménica (Ver *Livro Antepimeiro da História do Futuro*. Nova leitura, Introdução e notas por José van den Besselaar, Lisboa, 1983, 24, 30, 42, 55, 59, 120, 142). Significativamente, Vieira cita «os mares nunca dantes navegados» (*Livro Antepimeiro da História do Futuro*, ed. cit., 108). No Livro I da *História do Futuro*, outrossim, a definição do lugar de Portugal na sucessão dos quatro grandes impérios antigos muito recorda versos de Camões (*História do Futuro*. Introdução, atualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1982, 241). E é ainda o esforço de conversão «das gentes mais remotas» e o risco da travessia dos «longuíssimos mares» que vemos encarecido, na *Clavis Prophetarum*, em termos similares àqueles que n' *Os Lusíadas* exaltam a edificação do Império (*Clavis Prophetarum*. *Chave dos Profetas*. Livro III, Edição crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, ed. cit., 150-151; ver 522-523, 598-599). Por outro lado, descobrem-se, profundamente interiorizadas, marcas camonianas na *Apologia das Coisas Profetizadas*: a diferença entre «conjecturas» e «experiências» (ed. cit., pp. 216, 219) pode radicar na memória do soneto «Conversação doméstica afeiçoa»; o sintagma «fingida e fantástica» (p. 222) tem afinidades com um verso do prómio d' *Os Lusíadas* (I, 11), e, do mesmo modo, a promessa de um «mundo [...] alumiado» (p. 232) parece inspirar-se na expressão épica (II, 60).

¹⁹⁵ Se estes vínculos constituíram o fruto do buril e são apanágio da escrita ou reescrita dos sermões para a estampa definitiva, ou se existiram desde a sua versão primeira, oralmente proferida, é pesquisa por fazer. Frits Smulders pôde assinalar, na sua edição de um texto de Vieira, o cuidado com que na versão definitiva se aperfeiçoa – i.e., torna exacto – o trabalho de citação (*António Vieira's Sermon against the Dutch Arms (1640)*. A critical edition, with an introduction and a commentary by Frits Smulders, Frankfurt am Main, 1996). E particularmente ricos, no jogo intertextual com a poesia, são os sermões de *Xavier Dormindo*, e *Xavier Acordado*, que Vieira escreveu, em avançada idade, satisfazendo uma encomenda da rainha D. Maria Sofia de Neuburgo.

¹⁹⁶ P.e António VIEIRA, *Sermão de Acção de Graças pelo nascimento do príncipe D. João*, in